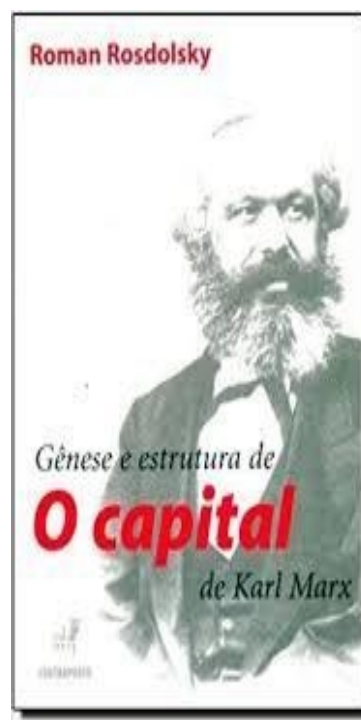


SEÇÃO PRINCIPAL

ARTIGOS EXPOSITIVOS DA BIBLIOGRAFIA ECONÔMICA
DE KARL MARX

ARTIGO I
**GÊNESE E ESTRUTURA
DE *O CAPITAL***



FOLHETO Nº 07 – 31.08.2022

**PARTE III – A SEÇÃO SOBRE O PROCESSO DE
PRODUÇÃO [DO CAPITAL] (continuação)**

**Capítulo 11 – A transição para o capital (“A
transformação do dinheiro em capital”)**

**Capítulo 12 – O intercâmbio entre capital e a força de
trabalho**

**Capítulos 13 e 14 – Uma aproximação à categoria da
mais-valia**

SUMÁRIO

FOLHETO Nº 07 (publicado em 31.08.2022)

PARTE III – A SEÇÃO SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO [DO CAPITAL]
(continuação)

Capítulo 11 – A transição para o capital (“A transformação do dinheiro em capital”) [3](#)

Capítulo 12 – O intercâmbio entre capital e a força de trabalho [19](#)

Capítulo 13 e 14 – Uma aproximação à categoria da mais-valia [27](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS [43](#)

FOLHETO Nº 07

PARTE III – A SEÇÃO SOBRE O PROCESSO DE PRODUÇÃO [DO CAPITAL] (continuação)

Capítulo 11 – A transição para o capital (“A transformação do dinheiro em capital”)¹

No presente capítulo de “Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx”, Roman Rosdolsky começa a abordar o tema central da investigação marxiana: “a **categoria de [sic] capital**” (grifo nosso). Para tanto formula as seguintes perguntas: *Que é capital? Como esse conceito deve ser desenvolvido?*³

Primeiramente, Rosdolsky reproduz a crítica de Marx aos posicionamentos dos economistas da época que entendiam capital ora como **trabalho acumulado** (realizado ou objetivado) nas mercadorias, ora como uma **soma de valores** ou **um valor de troca que reproduz a si próprio** (valor de troca no sentido de “valor” ou valor econômico ou valor intrínseco da mercadoria, volta a observar Rosdolsky como já fizera

1 O capítulo onze de *Gênese* corresponde ao item “Transformação de dinheiro em capital” da sequência *Capítulo do dinheiro como capital – Primeira seção: O processo de produção do capital – Capítulo do capital* dos manuscritos marxianos “Elementos [Esboços] fundamentais para a crítica da economia política”, os *Grundrisse* propriamente ditos (in MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011, Sumário).

Em uma observação de pé de página do Capítulo 11 em foco, Roman Rosdolsky esclarece que o tema abordado foi apresentado por Karl Marx em duas versões, tal como ocorreu com o tema do capítulo anterior: uma no próprio manuscrito *Grundrisse* (de 1857/1858), outra no *Fragmento da primeira versão da Contribuição à crítica da economia política* (1858). No referido tópico, Roman utiliza indistintamente as duas versões (in ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora, 2011, p. 165).

2 “A palavra ‘capital’ vem do latim *capitale*, derivado de *capitalis* (com o sentido de ‘principal, primeiro, chefe’), que vem do [proto-indo-europeu](https://pt.wikipedia.org/wiki/Proto-indo-europeu) *kaput* significando ‘cabeça’”. A expressão *capitale* surgiu na Itália nos séculos XII/XIII (pelo menos desde 1211) “com o sentido de fundos, conjunto de mercadorias, somas de dinheiro [parte principal de uma quantia investida, excluídos os juros e rendimentos que ela pudesse trazer, digo eu] ou dinheiro com direito a juros. Em 1283 é encontrada referindo-se ao conjunto de bens de uma firma comercial” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>. Visto em 05.08.2022). De acordo com o *site Dicionário Etimológico*, inicialmente, “o termo significava ‘o que está acima dos outros; principal, dominante’, como se vê ainda hoje, quando dizemos que algo é de capital importância, quando falamos nos sete pecados capitais e quando chamamos de capital a cidade em que fica a sede do governo. [...] Pouco a pouco, com o desenvolvimento da Economia Política, o sentido foi sendo ampliado, até que, no séc. XIX, passou a significar ‘a riqueza considerada como meio de produção’, por oposição ao ‘trabalho’, relação que Karl Marx analisou no clássico *O Capital*” (Disponível em <https://www.dicionarioretimologico.com.br/capital/>. Visto em 05.08.2022). Derivado da expressão “capital”, o vocábulo “capitalista”, por sua vez, foi utilizado em meados do século XVII para fazer referência “aos proprietários de capital”. David Ricardo, na sua obra *Princípios de Economia Política e Tributação* (1817), também fez uso da expressão com o mesmo sentido. Daí para frente o termo foi utilizado por vários escritores, como em 1823, pelo poeta inglês [Samuel Taylor Coleridge](#) (1772-1834) e, em 1840, pelo filósofo socialista “utópico” francês [Pierre-Joseph Proudhon](#) (1809-1865), em seu trabalho *O que é a propriedade?*, associando-o igualmente aos “proprietários de capital”. Oito anos depois, em 1848, Karl Marx e [Friedrich Engels](#) (1820-1895), na obra *Manifesto do Partido Comunista*, utilizaram a palavra para se reportarem ao “proprietário privado de capital”. Já o vocábulo “capitalismo” surgiu “em 1753 na *Encyclopédie*, com o sentido estrito de ‘estado de quem é rico’”. No entanto, “de acordo com o *Oxford English Dictionary (OED)*, o termo foi usado pela primeira vez [em 1845] pelo escritor indiano [William Makepeace Thackeray](#) (1811-1863) em seu trabalho *The Newcomes*”, com o significado de “estado da posse do capital”. Também fizeram uso da expressão o socialista francês [Louis Blanc](#) (1811-1882), no ano de 1850, e, novamente, o filósofo Joseph Proudhon, em 1861. Marx e Engels foram “os primeiros” a utilizar o termo “capitalismo” no sentido de “sistema econômico ou modo de produção”, sendo assim empregado no Livro I (“O processo de produção do capital”) d’*O capital*, em 1867 (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo>. Visto em 05.08.2022).

3 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 165.

no capítulo cinco de *Gênese*⁴), ora como **valor que produz lucro** ou que, pelo menos, **é utilizado para produzir lucro**.

Vamos à primeira formulação criticada por Karl Marx. Conforme o filósofo alemão, reproduzindo o que afirmam tais economistas, **capital como trabalho acumulado (realizado)** – ou **trabalho objetivado** – é aquele “que serve de meio para um novo trabalho (produção)”. Diante desse entendimento, de pronto Marx proclama que “é tão impossível passar diretamente do trabalho ao capital [ao contrário do que sugere a definição refutada, digo eu] como passar diretamente das diversas raças humanas ao banqueiro, ou da natureza à máquina a vapor”.⁵

Indo ao encontro da crítica marxiana, Roman Rosdolsky assinala que tal definição “diz apenas que **capital é um meio de produção**” (grifo nosso), isto é, que

4 Idem, p. 524 Nota 3. Sobre essa observação, cabe reproduzir um esclarecimento substancial feito por Roman Rosdolsky em *Gênese*. Conforme assinala o autor (Ibidem p. 506 Nota 8), referindo-se à mercadoria, “Nos *Grundrisse* [...], Marx emprega com muita frequência a expressão ‘valor de troca’ em lugares onde deveria usar simplesmente ‘valor’ [valor econômico ou intrínseco, digo eu]”. No Livro I de *O capital*, segundo Rosdolsky, Karl Marx continua empregando a expressão “valor de troca” para definir mercadoria, porém, ali, o próprio Marx esclarece ser “falsa” a afirmação de que mercadoria é valor de uso e valor de troca se se busca “maior precisão” no conceito. O autor d’*O capital* justifica que o uso da palavra “valor de troca” na definição de mercadoria foi uma mera opção pela “terminologia em voga”, ponderando que se tal escolha esteja clarificada “o modo de expressão que usamos não cria problemas e serve para simplificar”. Todavia, afirma contundente: “A mercadoria é *valor de uso*, objeto voltado para o uso, e ‘*valor*’ [valor econômico ou valor intrínseco, digo eu novamente]” (grifo nosso). A mercadoria “[...] Apresenta-se como esse ser de dupla face (que é) quando seu valor possui uma forma própria de manifestação – a de *valor de troca* –, diferente de sua forma natural [de valor de uso (de utilidade), digo eu]” (grifo nosso). Sobre a questão, Marx faz uma observação significativa: “considerada isoladamente, [a mercadoria] nunca possui aquela forma [de valor de uso e de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco, digo eu]: isso só ocorre na relação de valor [de troca] ou de intercâmbio com uma segunda mercadoria, de tipo diferente”.

De acordo com o disposto no Folheto nº 02 deste artigo expositivo, “uma mercadoria é tudo aquilo que é produzido pelo trabalho humano e colocado no mercado para ser trocado/vendido, sendo que muitas vezes é produzido já com a finalidade de ser vendido”. Diante dessa brevíssima definição, recomendamos a releitura do [Capítulo 3](#) (“Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política”) do referido folheto, onde, entre outros aspectos, aprofundamos a definição de mercadoria, tratamos da substância do seu valor (o tempo de trabalho socialmente necessário ou trabalho social ou, ainda, tempo de trabalho abstrato socialmente determinado), além da distinção entre as três dimensões da mercadoria (valor de uso, valor de troca e ‘valor’ (valor econômico ou valor intrínseco)). Aliás, além do mencionado capítulo três, consideramos como fundamental para a compreensão das categorias elencadas, e, por conseguinte, do presente texto, a fixação do conteúdo abordado nos Folhetos nº 04 a 06 também deste artigo.

5 Ibidem, p. 165 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

6 Tendo em vista que neste e nos próximos capítulos deste Folheto as expressões “meios de produção” e “força de trabalho” serão bastantes utilizadas, inclusive relacionadas aos vocábulos “trabalho objetivado” e “trabalho vivo”, respectivamente, tratamos aqui de defini-las em termos gerais, partindo da conceituação dos componentes dos diferentes [modos de produção](#) historicamente reconhecidos, de onde derivam. O modo de produção é composto pelas *forças produtivas* e pelas *relações de produção*. A categoria forças produtivas é constituída pela combinação da “força de trabalho humana” com os “meios de produção”. Os [meios de produção](#), por sua vez, formam um conjunto de recursos composto por *meios ou instrumentos de trabalho* e *objetos de trabalho*: os meios ou instrumentos de trabalho são bens e serviços que auxiliam a produção (instalações prediais (fábricas, armazéns, silos etc.), a infraestrutura (abastecimento de água, fornecimento de energia, transportes etc.) e a tecnologia (telecomunicações, conhecimento técnico, ferramentas, máquinas etc.)); os objetos de trabalho correspondem aos elementos sobre os quais é aplicado o trabalho humano: matérias-primas de maneira geral (terra, água, jazidas de minérios, látex bruto, petróleo bruto, algodão, carvão, [biomassa](#) bruta, minério de ferro, ar, toras de madeira, etc.). Já a [força de trabalho humana](#) diz respeito ao número de pessoas com capacidade para participar do processo produtivo, a população economicamente ativa, sendo, o próprio homem, “a principal força produtiva – seu corpo, sua energia, sua inteligência, seu conhecimento” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas. Consultado em 16.08.2022).

Uma vez dispondo-se das forças produtivas (meios de produção e força de trabalho), “é necessário que o homem se organize socialmente para produzir”. E assim se estabelecem as relações de produção, segunda grande categoria do modo de produção. As *Relações de produção* ou as *relações sociais de produção* dizem respeito às “formas como os seres humanos desenvolvem suas relações de trabalho e distribuição no [processo de produção e reprodução da vida material](#)” (referem-se, por exemplo, às “formas de repartição dos produtos (bens de produção ou bens de

qualquer produção atual (que corresponde ao “trabalho vivo” e imediato) pressupõe a utilização do produto de um trabalho anterior (“trabalho morto”, ou seja, “trabalho objetivado” na produção da matéria-prima (objeto de trabalho), do maquinário etc. (instrumento de trabalho) que são utilizados na produção de outros bens)⁷.

De acordo com essa visão, diz Marx, “o capital teria existido em todas as formas de sociedade, o que é evidentemente a-histórico”. Nesse rumo, prossegue o intelectual alemão, “Capital seria um novo nome para algo tão antigo como o gênero humano, pois qualquer trabalho, até mesmo o menos desenvolvido, como a caça e a pesca [trabalho vivo, imediato e atual, digo eu], pressupõe utilizar o produto

consumo), à estrutura de classes e ao regime de propriedade dos meios de produção”). Para Marx, as relações de produção nas sociedades de classes são “relações entre classes sociais proprietárias e não proprietárias [dos meios de produção, esclarecemos]”. Nesse sentido, “as relações de propriedade são expressões jurídicas das relações de produção” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o_e_https://www.infopedia.pt/%24relacoes-de-producao?intlink=true. Consultado em 16.08.2022). “A História mostra-nos que a um determinado estágio do desenvolvimento das forças produtivas corresponde um tipo determinado de ‘relações de produção’, que são o conjunto de relações estabelecidas pelos homens com vista à produção. Os homens, para produzir, ‘estabelecem uns com os outros laços e relações bem determinadas (segundo Marx, necessárias e independentes da sua vontade): o seu contacto com a Natureza, isto é, a produção, só se efetua no quadro destes laços e destas relações sociais. Estas relações sociais que ligam os produtores uns aos outros [...] diferem naturalmente segundo o carácter dos meios de produção. [...] Isto equivale a dizer que as relações sociais segundo as quais os indivíduos produzem, as relações de produção, se alteram e se transformam com a evolução e o desenvolvimento dos meios materiais de produção, das forças produtivas” (Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais). Consultado em 16.08.2022). De acordo com Gerald A. Cohen, “[...] As relações de produção são relações de poder econômico sobre a força de trabalho e os meios de produção, de cujo privilégio alguns gozam, enquanto os demais carecem. Em uma sociedade capitalista, as relações de produção incluem o poder econômico que os capitalistas detêm sobre os meios de produção, o poder econômico que os trabalhadores (ao contrário dos escravos) possuem sobre sua própria força de trabalho e a ausência de poder econômico dos trabalhadores sobre os meios de produção” (in COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção**. Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p. 65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf. Consultado em 16.08.2022). Para Marx, “as relações sociais que os homens estabelecem entre si, e que constituem a sua existência social, decorrem das forças produtivas e dos modos de apropriação dos meios de produção. ‘As relações sociais estão intimamente ligadas às forças produtivas. Ao adquirir novas forças produtivas, os homens mudam o seu modo de produção e ao mudar o seu modo de produção, a maneira de ganhar a vida, alteram todas as suas relações sociais’ (Rocher)” (Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais). Visto em 16.08.2022).

- 7 A partir da posição de Marx, corroborada por Rosdolsky, depreende-se da definição criticada que capital é “trabalho morto”. Tratemos sucintamente dos tipos de trabalho mencionados no parágrafo em Nota: *trabalho objetivado, trabalho vivo trabalho morto* Começamos pelo trabalho objetivado: “O trabalho é uma atividade processual de objetivação. Logo, pode-se afirmar que é um processo de objetivação em que há transformação. Nele, *alguma coisa é transformada em outra coisa e, no final do processo, o trabalho aparece objetivado*. Ou seja, aquilo que era potência se objetiva. Com efeito, ‘o trabalho se incorporou a seu objeto. Ele está objetivado’. Aquilo que apareceria como movimento, como processo, se manifesta ‘como qualidade imóvel, na forma do ser’ [o produto (mercadoria/serviço) final do trabalho realizado, digo eu]. Mas ‘há uma diferença entre o produto do trabalho e o processo de trabalho. No produto o processo está extinto. Isso não significa que o trabalho tenha desaparecido. Ele se objetivou. No processo de trabalho, por meio da objetivação, o ser humano atua e transforma uma ideiação prévia’. O importante, para Marx, porém, não é o resultado da objetivação *per se*. O centro do trabalho é o processo de objetivação” (grifo nosso) (in PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx**. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248&%3A~%3Atext=Logo%2C%20pode-se%20afirmar%20que%20Cse%20incorporou%20a%20seu%20objeto. Consultado em 07.12.2020).

Sobre o *trabalho vivo* vamos ao que dispõe Karl Marx na obra *Contribuição [ou Para a] crítica da economia política* (1859). Nela, Marx “define o trabalho como ‘atividade útil para a apropriação das matérias naturais sob uma ou outra forma’”, sendo “definível ao mesmo tempo como ‘condição natural da existência do homem’ e ‘condição das trocas orgânicas entre o homem e a natureza’. Esse processo de apropriação dos objetos exteriores para a satisfação das necessidades do homem – ou seja, de produção dos *valores de uso* que contribuem para a manutenção e o crescimento da vida – em que consiste o ‘trabalho vivo’ constitui, segundo Marx, ‘uma necessidade física da vida humana’”. Ou seja, trabalho vivo é o trabalho que produz bens para a satisfação das necessidades humanas, para o consumo direto – é o trabalho que produz valores de uso. “O trabalho vivo preserva assim um ‘contato natural com os elementos materiais (as matérias-primas e os instrumentos da produção) de sua

do trabalho anterior ['trabalho morto', digo eu novamente] como meio para realizar o trabalho vivo e imediato"⁸.

Para Karl Marx, a definição em causa concebe capital "*como coisa, não como relação*" (grifo do autor). O filósofo prossegue na sua rejeição: "O x da questão é o seguinte: embora todo capital seja trabalho objetivado que serve como meio para uma nova produção, nem todo trabalho objetivado que serve como meio para uma nova produção é capital"⁹. Disse ele no livro *Trabalho assalariado e capital* (1847): "O trabalho acumulado que serve como meio para uma nova produção é capital. Assim dizem os economistas". Todavia, retruca, "[...] Uma máquina de fiar algodão [trabalho acumulado, digo eu] é uma máquina de fiar algodão. Sob certas condições converte-se em capital. Fora de um certo contexto, não é capital [...]"¹⁰. Ou seja, quando a máquina de fiar é utilizada como elemento necessário ao trabalho para produzir tecido destinado ao mercado para troca (venda), buscando-se com isso agregar valor à matéria-prima algodão visando lucro, estamos falando do trabalho acumulado na máquina de fiar convertido em capital. Outro contexto bem diferente é quando esta mesma máquina é utilizada para produção de valor de uso do seu proprietário (para atender uma necessidade do dono da máquina de fiar, para consumo próprio), condição em que, e se for o caso, apenas parte do tecido produzido, a produção excedente (que corresponde a apenas uma parte do trabalho acumulado na produção como um todo), será levada ao mercado para troca. Nesse contexto típico (mas não exclusivo) das sociedades pré-capitalistas, a totalidade do trabalho acumulado na máquina de fiar não foi convertido em capital. Não há nesta última

existência' que ele transforma em elementos constitutivos de sua própria dinâmica: 'enquanto ele é útil, [...] é atividade produtiva; o trabalho, por seu simples contato com os meios de produção, ressuscita-os de dentre os mortos, faz deles os fatores de seu próprio movimento'" (grifo nosso) (in HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006. Consultado em 07.12.2020). O trabalho vivo em Marx é representado pelo *capital variável*, sendo que este "representa o *valor da força de trabalho*, a qual, como já referido, cria, no processo produtivo, uma quantidade de valor superior ao seu próprio valor, pelo que, o capital variável é trabalho vivo, porque *varia* durante esse processo produtivo, levando a que o capital total se valorize através da criação de mais-valia" (grifo nosso). Ensina Marx: "A parte do capital convertida em força de trabalho em contraposição muda o seu valor no processo de produção. Ela reproduz seu próprio equivalente e, além disso, produz um excedente, uma mais-valia que ela mesma pode variar, ser maior ou menor. Essa parte do capital transforma-se continuamente de grandeza constante em grandeza variável. Eu chamo-a, por isso, parte variável do capital, ou mais concisamente: capital variável" (in DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>, p. 20. Consultado em 07.12.2020). Ainda com o apoio de Donário e Santos, discorreremos um pouco sobre outro tipo de trabalho da análise marxiana: o *trabalho morto*. O denominado "trabalho morto" é representado pelo "*capital constante*, cristalizado e acumulado nos [objetos, digo eu] meios e instrumentos de produção, nomeadamente, nas matérias-primas e nas amortizações do capital fixo. Este capital, que constitui o trabalho cristalizado nas mercadorias em processos produtivos passados, é utilizado no processo produtivo actual [sic], apenas transmite o seu valor às novas mercadorias, mas não cria novo valor". Diz Marx: "A parte do capital que se converte em meios de produção, isto é, em matéria-prima, matérias auxiliares e meios de trabalho, não altera sua grandeza de valor no processo de produção". A essa parte do capital, parcela que representa o trabalho morto, Marx o chama de "a parte constante do capital, ou mais concisamente: capital constante" (Idem, p. 20. Consultado em 07.12.2020).

8 Desde os primórdios o homem teve que utilizar algum instrumento (machado de pedra, arco e flecha, por exemplo), produto de um trabalho anterior (trabalho morto), como meio para o exercício de um trabalho atual (como caçar e pescar).

9 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 166.

10 Idem, p. 523 Nota 2. Continua Marx, conforme a obra e página referenciadas: "Que é um escravo negro? Um homem de raça negra [...]. Um negro é um negro. Em certas circunstâncias, é convertido em escravo".

relação o objetivo final e determinante de se usar um bem para produzir algo com a finalidade precípua de levá-lo ao mercado a fim de obter valor a mais.

Segundo Marx, na definição em destaque só “se leva em conta a simples matéria do capital [os meios de produção, digo eu] e se abre mão da determinação formal [as condições sociais que levaram o capital (o trabalho humano acumulado, no caso) a ter a forma que adquiriu a partir das relações de produção burguesas ou capitalistas, digo eu novamente], sem a qual não há capital”.¹¹

Nessa linha, Marx cita outros exemplos: “[...] o ouro não é dinheiro por si mesmo, nem o açúcar é o preço do açúcar”, tudo depende da relação social que submete a máquina de fiar, o ouro e o açúcar a uma forma distinta de si mesmo. Tal qual o **dinheiro** e o **preço** como se conhece hoje, conforme vimos nos folhetos anteriores, “Também o **capital** é uma **relação social de produção**. É uma relação de produção burguesa, uma relação de produção da sociedade burguesa” (grifo nosso).¹²

No capítulo em comento, Rosdolsky traz outra definição de capital refutada por Marx, qual seja: a “que concebe o capital como ‘**uma soma de valores**’ ou ‘um valor de troca que reproduz a si próprio [valor de troca no sentido de “valor” ou valor econômico ou valor intrínseco da mercadoria, frisamos]’”, e não mais como meio de produção (como “acumulação dos produtos materiais do trabalho [ou como trabalho acumulado, digo eu]”).¹³

Considerando, conforme exposto nos folhetos anteriores, que mercadoria é “valor de uso” e “valor” (ou valor econômico ou valor intrínseco) e que, no caso da economia capitalista, a mercadoria converte-se essencialmente em “valor”, Karl Marx argumenta contra mais essa definição de capital afirmando: “se todo capital é uma soma de mercadorias, ou seja, de valores de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou valor intrínseco, digo eu], nem toda soma de mercadorias, de valores de troca [idem], é capital”. Assim sendo, continua Marx, “[...] Não podemos passar do valor de troca ao capital por adição simples”.

Em nossas palavras: levando em conta a circulação mercantil simples, ou processo vender para comprar, ciclo M-D-M (mas que doravante, neste trabalho, para efeito didático, trataremos como **M₁-D-M₂** (M₁=mercadoria vendida, D=dinheiro e M₂=outra mercadoria (mercadoria comprada)), no qual se baseiam os economistas criticados por Marx, as mercadorias ou “valores” que participam da circulação simples não podem ser consideradas capital pois elas têm apenas a função de satisfazer as necessidades de quem as adquire – troco a mercadoria que não mais tem valor de uso para mim por dinheiro que utilizo para adquirir uma outra mercadoria que tem valor de uso para mim mas não tem para seu proprietário, operando-se aí apenas uma troca de mercadoria por mercadoria (M₁-M₂, ou valor por valor) com a “mediação evanescente [de curta duração, efêmera, digo eu]” do dinheiro, que nessa formulação funciona como mero

11 Ibidem, p. 165.

12 Ibidem, p. 523 Nota 2.

13 Ibidem, p. 166 (Ibidem em relação à redação dos cinco parágrafos seguintes).

meio de circulação. Não há que se falar aí em soma de valores ou reprodução de valor mas tão somente em troca de valores equivalentes. No caso, de acordo com Marx, “a circulação serve apenas, por um lado, para que os valores de uso troquem de mãos, de acordo com as necessidades, e por outro para que eles troquem de mãos conforme o tempo de trabalho que representam, [...] na medida em que são momentos equivalentes do tempo de trabalho social geral [do tempo de trabalho abstrato, digo eu]”. Portanto, se todo capital é uma soma de mercadorias, ou seja, de valores, no intercâmbio simples de mercadorias isso não se verifica, uma vez que no final da circulação o que se operou foi apenas uma troca de M_1 por M_2 .

Finalmente, mais uma definição de capital posta pelos economistas e recusada por Marx é trazida por Rosdolsky: a que define “como ‘capital’ **o valor ‘que produz lucro’** ou que, ‘pelo menos, **é utilizado para produzir lucro**”” (grifo nosso). Assim como as antecedentes, essa definição não responde à pergunta sobre o que é capital, adianta o autor de *Gênese*. Em Karl Marx, “[...] o lucro é uma relação do capital consigo mesmo”, e, por assim ser, digo eu, não pode ser elemento definidor do capital, pois, no caso, **o lucro pressupõe a existência do capital**. Desse marco, Roman passa especificamente à definição e ao desenvolvimento teórico da categoria capital empreendido por Karl Marx.

Sempre na companhia do pensador alemão, Roman Rosdolsky então avança. Para Marx, “O capital deve ser concebido como um **valor que se amplia**, ou seja, **como um processo**. Para isso, é preciso partir não de uma simples soma de produtos do trabalho [trabalho acumulado, digo eu] ou de valores [mercadorias, digo eu novamente], mas sim, ‘do valor de troca [no sentido de “valor” ou valor econômico ou intrínseco, digo eu mais uma vez] já desenvolvido no movimento da circulação”” (grifo nosso). O que, metodologicamente falando, significa investigar, de partida, as determinações mais abstratas desse movimento da circulação, um movimento típico da sociedade burguesa ou capitalista (que corresponde ao elemento concreto do método marxiano)¹⁴.

De acordo com exposto no Folheto nº 05, item B, a circulação pode ser entendida como movimento da mercadoria ou movimento do dinheiro, uma vez que ambos os elementos, mercadoria e dinheiro, estão presentes nela: se vendo para comprar, forma M_1-D-M_2 , o que implica no movimento da mercadoria – entrego mercadoria e recebo mercadoria –, posso também comprar para vender, o que corresponde ao movimento do dinheiro – entrego dinheiro e recebo dinheiro – forma $D-M-D$, ou D_1-M-D_2 (onde D_1 =dinheiro inicial, M =mercadoria e D_2 =dinheiro (D_1) acrescido pela venda de M).

Das duas formas de circulação identificadas, pergunta Rosdolsky, “Em qual delas o valor [cuja medida é expressada no dinheiro, como verificamos em folheto

14 Já nessa passagem podemos perceber a aplicação do método (tomado a Hegel) de ida e vinda do abstrato ao concreto na investigação marxiana de capital, de modo a desvendar as suas (do concreto) determinações. Sobre o referido método, veja o [Capítulo 2](#) do Folheto nº 02.

anterior] pode converter-se em capital?”. O próprio responde: “Evidentemente não no ciclo M-D-M (circulação mercantil simples)”¹⁵.

No processo vender para comprar, ou na circulação mercantil simples, o valor da mercadoria (ou valor econômico ou intrínseco), o qual propicia a troca da mercadoria por outra com a mediação do dinheiro, tem no consumo da mercadoria, na realização do seu valor de uso (na troca de M_1 por M_2), “o objetivo final e o verdadeiro centro da circulação mercantil simples”, observa Roman Rosdolsky. E esse aspecto, segundo Marx, “diz respeito ao conteúdo (à matéria)” da relação de troca. “Logo”, continua o alemão, “não é nesse aspecto [no valor de uso da mercadoria, digo eu] [...] que devemos buscar as determinações mais desenvolvidas [da relação de troca ou do intercâmbio mercantil, digo eu novamente]”.¹⁶

Na circulação simples, tanto as mercadorias envolvidas como o dinheiro esgotam os seus papéis, seus valores de uso, suas utilidades – as mercadorias porque consumidas, o dinheiro porque, sendo meio de circulação, foi convertido nas mercadorias intercambiadas. Por isso, nas palavras de Marx replicadas por Roman, “a circulação mercantil simples, a forma M-D-M [M_1 -D- M_2 , digo eu], ‘não embute em si o princípio da autorrenovação [da autoampliação, digo eu novamente]’, ‘não pode ser impulsionada a partir de si mesma [...]’”. Ela se esgota com a completude do ciclo M_1 -D- M_2 . Para que o processo da circulação simples se repita, diz Marx: “É necessário que, de forma sempre renovada, as mercadorias [incluindo aí o dinheiro, digo eu mais uma vez] sejam colocadas nela [na circulação, digo eu] de fora para dentro, como lenha no fogo. Caso contrário, ela [a circulação, digo eu de novo] se extingue na indiferenciação”.¹⁷

Portanto, de acordo com Roman Rosdolsky, nas pegadas de Marx, não é na circulação simples, que tem como “objetivo final” e seu “verdadeiro centro” o consumo, a realização do valor de uso da mercadoria, e que por isso diz respeito à **matéria**, “[...] que devemos buscar as determinações mais desenvolvidas” da relação de troca ou do intercâmbio que moldam a sociedade burguesa. Assim, alerta Rosdolsky, “é preciso prestar atenção ao **aspecto formal**” (grifo nosso), nas formas que as categorias presentes de modo embrionário na circulação simples assumem no processo histórico-evolutivo do intercâmbio mercantil.¹⁸

À medida que o processo de circulação evolui, diz Marx, “O valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco da mercadoria, digo eu] se desenvolve e adquire determinações mais profundas no próprio processo de circulação. Ou seja, é preciso prestar atenção no **desenvolvimento do dinheiro**” (grifo nosso), que aparecerá, sob outra forma, acrescenta Rosdolsky, como “**resultado do processo de**

15 Não obstante, por razões metodológicas, o autor dos *Grundrisse* começa o exame da produção do capital exatamente com a análise da forma simples da circulação mercantil, a qual não contempla o capital. No Capítulo 9 do [Folheto nº 06](#) conhecemos com mais detalhes a razão pela qual o autor dos *Grundrisse* começa o exame da produção do capital com a análise da **circulação mercantil simples** e qual o papel que essa análise desempenha em sua teoria.

16 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 167.

17 Idem, p. 166.

18 Ibidem, p. 167 (Ibidem em relação à redação dos quatro parágrafos seguintes).

circulação” (grifo nosso). Assim se chegará à categoria do **dinheiro como capital**, o dinheiro que “vai mais além de sua determinação simples como dinheiro [isto é, como tesouro, digo eu], sentencia o autor d’*O capital*”.

Indo além da sua determinação simples como dinheiro, a categoria do “dinheiro como capital” constitui “uma transição do valor e do dinheiro para o capital”, conclui Roman Rosdolsky¹⁹. O dinheiro nessa condição ou forma só realiza um único movimento dotado de sentido, assenta Rosdolsky: “o de **incrementar o valor, multiplicá-lo permanentemente**” (grifo nosso). Sob essa nova forma, conforme Marx, o dinheiro deixa de funcionar como “um mero meio de circulação de mercadorias [...]”²⁰.

Quando tratamos das funções do dinheiro na circulação simples (processo vender para comprar (ciclo M_1-D-M_2)), especificamente da determinação como dinheiro, aprendemos que ele pode até ser entesourado, retirado da circulação (voluntária ou involuntariamente), acumulado, tornando-se, conforme Marx, uma espécie de “meio de circulação suspenso” (ato M_1-D). Permanecendo, porém, à margem da circulação, “fica tão desprovido de valor como se estivesse sepultado no poço mais profundo de uma mina”, metaforiza o filósofo alemão, não havendo que se falar, no processo de circulação simples, que a acumulação de dinheiro pelo entesouramento gera incremento ou multiplicação de valor, e muito menos que gera enriquecimento. Por assim ser, forçosamente, mais cedo ou mais tarde, terá que retornar à circulação (ato $D-M_2$) e quando isso acontece “o valor nele contido [que mantém a mesma magnitude de antes do entesouramento, digo eu] se dissipa nos valores de uso das mercadorias pelas quais é trocado”, voltando “a ser mero meio de circulação”, completando-se, assim, o ciclo M_1-D-M_2 .

Como pudemos observar, no processo vender para comprar “não ocorre uma verdadeira criação ou incremento do valor, mesmo se o dinheiro subtraído da circulação é entesourado”, ratifica Rosdolsky. **Na circulação simples, o dinheiro, seja como medida do valor, seja como meio de circulação ou como tesouro, não cria nem incrementa o valor**. Se o dinheiro atua como medida do valor ele é tão somente a expressão do valor da mercadoria (expressão do tempo de trabalho abstrato) que no dinheiro é representado pelo

19 A propósito, cremos necessário fazer um apontamento sobre o que verificamos nesta altura do capítulo onze de *Gênese* e que nos pareceu ser uma divergência de Roman Rosdolsky ao que Marx dispõe quanto ao não enquadramento do “dinheiro como capital” na terceira determinação do dinheiro (o “dinheiro como dinheiro”). Roman deixa claro seu entendimento ao expressar que, “evidentemente, trata-se do dinheiro em sua terceira determinação” (Ibidem, p. 167). Inclusive discorre sobre a categoria do “dinheiro como capital” assumindo tal posição, embora lance mão da argumentação de Marx ao desenvolver o conceito da categoria em si. Já para o filósofo alemão, com não menos clareza, “*O dinheiro como capital* é uma determinação do dinheiro que vai além de sua determinação simples como dinheiro” (grifo do autor); e diz mais: “[...] Seja como for, o *dinheiro como capital* se diferencia do *dinheiro como dinheiro*. É necessário desenvolver a nova determinação” (grifo do autor) (Ibidem, p. 524 Nota 11). Por não identificar prejuízo para o desenvolvimento do tema, visto que Rosdolsky utiliza, como dissemos, a argumentação de Marx sobre a definição e o desenvolvimento da categoria em si, optamos por desconsiderar no decorrer da reprodução do capítulo as menções do autor de *Gênese* à identificação da categoria em causa com a referida terceira dimensão do dinheiro.

20 De acordo com o apresentado no [Folheto nº 05](#) (onde versamos sobre as funções do dinheiro), como meio de circulação o dinheiro apenas propicia o intercâmbio de uma mercadoria por outra (ciclo completo M_1-D-M_2) – não cria nem multiplica valor; como tesouro, o dinheiro é retirado da circulação e passa a figurar como um “meio de circulação suspenso”, acumulado ou entesourado (ato M_1-D do ciclo completo), e igualmente não cria nem multiplica valor.

preço. Se atua como meio de circulação apenas é trocado por uma mercadoria equivalente que se destina, por sua vez, ao consumo imediato. Se é entesourado, simplesmente é represado, retirado da circulação, voluntária ou involuntariamente (“[...] A mesma magnitude de valor que antes existia sob a forma de mercadoria existe agora sob a de dinheiro; ela se acumula nesta última forma porque se renuncia a ela na outra [...]”, arremata o filósofo alemão). Portanto, no que se refere à circulação simples, Roman Rosdolsky conclui: “Na forma M-D-M [ou M_1 -D- M_2 , digo eu], o dinheiro perde, ao fim e ao cabo, sua autonomia e sua perenidade, tenha entrado ou não na circulação”.

Em sendo assim, Rosdolsky pergunta: quais as condições necessárias para que o dinheiro **se conserve** e ao mesmo tempo **se multiplique** “como valor independente, sem dissipar-se como mero meio de circulação e sem coagular-se como tesouro?”. Afinal, na lição de Marx, “como **forma universal da riqueza**²¹ [...] o dinheiro só pode fazer um movimento quantitativo: **acrescentar-se** [...]; e só se preserva como **algo distinto do valor de uso**, como **valor**, ao se **multiplicar**” (grifo nosso).²²

Decerto, não é no processo vender para comprar, na circulação mercantil simples, que teremos a resposta. Somente no **processo comprar para vender**, na **circulação mercantil capitalista**, representado pelo ciclo **D_1 -M- D_2** , é que encontramos presentes as condições necessárias que respondem a indagação posta.

Diz Karl Marx: para que o dinheiro “se preserve como dinheiro [mas se multiplique e assim crie valor a mais (D_2), digo eu], ele tem de reingressar na circulação, tal como havia saído dela, mas não [reingressando, digo eu novamente] como simples meio de circulação [...]”. Em se tratando, desta feita, do processo comprar para vender, para que o dinheiro se preserve como dinheiro ele tem que ingressar e sair da circulação (ato D_1 -M), reingressar nela e aí permanecer para acrescentar-se (ciclo completo D_1 -M- D_2). Esse movimento lhe confere uma outra forma²³. Perceba que aqui Marx chega ao processo comprar para vender tratando primeiramente do aspecto da conservação do dinheiro como dinheiro, porém não como um simples “tesouro”, mas como potencial criador e incrementador de valor – um dinheiro que se reproduz. E assim Rosdolsky conclui: “o ilimitado impulso de crescimento do valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco, digo eu] só pode converter-se [...] em uma realidade viva sob a **forma de capital**” (grifo nosso), isto é, como **dinheiro que produz a si mesmo**.

Como a mercadoria chega ao mercado na forma de “valor” ou valor econômico ou intrínseco (ou na forma de “valor de troca”, como Marx opta intencionalmente por denominar em várias passagens da sua análise, conforme

21 O dinheiro é qualitativamente e segundo a sua forma desprovido de limites, ou seja, ele é o *representante universal da riqueza material*, “pois pode ser imediatamente convertido em qualquer mercadoria”. Porém, ao mesmo tempo, e contraditoriamente, cada soma de dinheiro real “é quantitativamente limitada, sendo, por isso, apenas um meio de compra de eficácia limitada” (in MARX, Karl Heinrich. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017, p. 206).

22 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 168 (Idem em relação à redação dos quatro parágrafos seguintes).

23 Ao trabalhar com a categoria dinheiro como algo que se movimenta saindo, reingressando e permanecendo na relação de troca, o que lhe confere uma forma distinta da anterior (a circulação simples), Roman identifica mais um “eco” da influência de Hegel em Marx (Ibidem, p. 525 Nota 19).

mencionamos neste escrito), **a própria circulação** (porém não mais a circulação mercantil simples) deve revelar-se, segundo Marx, “como **um momento na produção dos valores de troca** [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco, digo eu mais uma vez]” (grifo nosso), como “**um elo no processo de conservação e multiplicação desses valores**” (grifo nosso), complementa Rosdolsky.

Nesse sentido, em conformidade com o autor de *Gênese*, para criar e incrementar valor a mercadoria deve chegar ao mercado orientada “não para a fruição imediata, mas para a **reprodução e nova produção de valores**” (grifo nosso). O consumo, nessas condições deve ser “**um consumo produtivo**” (grifo nosso), voltado para a criação de **valor a mais**. Somente nessas condições, ou seja, “quando o ciclo M-D-M [ato vender para comprar, digo eu] se transforma no ciclo D-M-D [ato comprar para vender, frisamos], **o dinheiro pode converter-se em capital**, um **valor** que se **mantém** e se **reproduz**” (grifo nosso). O capitalista não está interessado em ir ao mercado com sua mercadoria para satisfazer uma ou outra necessidade de consumo, trocando um não valor de uso (sua mercadoria) por um valor de uso (mercadoria alheia), ciclo M_1-D-M_2 , mas sim para obter valor, valor a mais, ciclo D_1-M-D_2 .

De acordo com os ensinamentos marxianos apresentados no capítulo ora em comento, sendo o dinheiro a forma universal da riqueza material, porque imediatamente convertível em qualquer mercadoria, o **capital** é definido “como **representante da forma universal da riqueza – o dinheiro**”.²⁴

O capital assim definido como **representante do dinheiro**, como um valor que se **amplia**, que se **reproduz**, uma **relação social**, um **processo**, “constitui o impulso desenfreado de passar por cima de suas próprias barreiras²⁵. Caso contrário, deixaria de ser capital, **dinheiro que produz a si mesmo**. Tão logo deixasse de sentir determinado limite como uma barreira, tão logo se sentisse à vontade dentro dele [desse limite, digo eu], seria rebaixado de valor de troca a valor de uso, de forma universal da riqueza a determinada existência material dela [ou seja, de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco seria rebaixado a mero meio de circulação, a mero mediador da relação de troca, convertendo-se na mercadoria adquirida com sua mediação, digo eu mais uma vez]²⁶”.

24 Ibidem, p. 525 Nota 20 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

25 Nesta oportunidade remetemos o leitor ao nosso texto “[Arrazoado e sinopse de *O capital*](#)”, páginas 13 a 15, onde apresentamos, embora ainda de maneira incipiente, a definição marxiana de capital em um aspecto mais amplo e geral (pois, como sabemos, o conteúdo de *Gênese*, objeto deste artigo, refere-se aos primeiros manuscritos de Marx da crítica da economia política capitalista, onde as categorias consideradas aparecem conceitualmente ainda em desenvolvimento).

26 Nesse comentário Roman Rosdolsky observa que “a diferença conceitual entre ‘limite’ e ‘barreira’ foi tomada de Hegel” (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 525 Nota 20). Por oportuno, cabe o registro de que o disposto no parágrafo em Nota nos remete às distintas formas que o capital assumiu ao longo do tempo no esforço de ultrapassar seus próprios obstáculos, as quais correspondem às diferentes fases conhecidas do modo de produção capitalista, o que, a nosso ver, só comprova a incrível precisão da constatação de Karl Marx relativa à essência do capital feita há mais de um século e meio: Capitalismo Comercial ou Mercantil, também denominado por alguns estudiosos de “pré-capitalismo” (do século XV/XVI (Era dos Descobrimentos ou das Grandes Navegações) ao XVIII), Capitalismo Industrial (meados do século XVIII ao XIX), Capitalismo Financeiro ou Monopolista (século XX/XXI) e a fase que alguns identificam, conquanto em formação, como Capitalismo Informacional ou Cognitivo ou, ainda, de Plataformas (século XXI).

Dito isso, após a descrição do desenvolvimento do conceito de capital, Rosdolsky avança para o tema principal do capítulo em foco: a **transformação do dinheiro em capital** – como se dá a transformação do ciclo M_1-D-M_2 (circulação mercantil simples) no ciclo D_1-M-D_2 (circulação mercantil capitalista)?

O autor de *Gênese* expõe: na condição de dinheiro que produz a si mesmo, “É preciso especificar o valor de uso [do capital, digo eu] cujo consumo deve revelar-se ao mesmo tempo como **produção de valor e mais-valia**”²⁷ (grifo nosso). Continua Roman agora com Marx, “O capital é, por natureza, um valor que ‘cria mais-valia’ [‘um valor ativo’, diz Marx²⁸]. Logo, diante dele [isto é, diante da sua própria condição de valor ativo, digo eu], só pode sustentar-se ‘como valor de uso, isto é, como algo útil [ao próprio capital, digo eu novamente], [...] aquilo que o multiplica, que o reproduz, e que portanto o conserva; [...] não um artigo de consumo no qual ele [“o capital”, diz Rosdolsky] se perde, mas sim [...] por meio do qual se conserva e cresce”²⁹. Um valor de uso “a partir do qual se origina, se produz e se multiplica o próprio valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco da mercadoria, digo eu]³⁰”. **O trabalho é esse valor de uso.**

27 Grosso modo, pois também trataremos detalhadamente desta categoria no decorrer da nossa **Expedição, mais-valor** ou **mais-valia** é o termo empregado por Karl Marx para expressar “a diferença entre o valor final da mercadoria produzida e a soma do valor dos meios de produção e do valor do trabalho”; este último, considerado por Marx, como a “base do lucro no sistema capitalista” (grifo nosso) (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>. Visto em 17.08.2022). Assim, “A lei da mais-valia é a forma que se manifesta no capitalismo a lei do valor” (Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor. Visto em 17.08.2022). “Ao analisar a gênese do lucro capitalista, Marx toma como ponto de partida as categorias da Escola Clássica Inglesa: Adam Smith havia observado que o trabalho incorporado em uma mercadoria (o seu custo de produção em termos de salários) era inferior ao ‘trabalho comandado’ (aquilo que a mercadoria podia, uma vez vendida, ‘comprar’ em termos de horas de trabalho). Para Smith, esta discrepância é que explicava a existência do lucro, mas não suas causas. Adam Smith considerava que o lucro estava associado à propriedade privada do capital. Uma das saídas que Smith considera é que lucro é proveniente da oferta e da procura. Ou seja, o lucro é criado pelo mercado. Distancia o lucro (riqueza) do processo de trabalho”. Já para David Ricardo “o salário gravita sempre em torno dos seus níveis ‘naturais’ – isto é, de um mínimo de subsistência fisiológica. Caso, em função de uma escassez de mão de obra, o salário subisse além do nível natural, os operários se reproduziriam de tal forma que a oferta excessiva de trabalho deprimiria de novo os salários ao mesmo nível natural. Para Ricardo, o lucro acabava sendo simplesmente um ‘resíduo’ – aquilo que sobrava como renda do empresário depois de pagos os salários de subsistência e as rendas da terra [...]” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>. Consultado em 17.08.2022).

Teoricamente, Marx divide a categoria do mais-valor ou mais-valia em *mais-valor absoluto* e *mais-valor relativo*. De acordo com Louis Althusser, o mais-valor absoluto “diz respeito à *duração da jornada de trabalho*” (grifo nosso), sendo “obtido ou a despeito da legislação existente”, o que significa não respeitá-la, ou “[...], por intermédio da legislação existente, onde as horas extras [por exemplo, digo eu] permitem aos capitalistas extrair o máximo de lucro da ‘produtividade’” (in MARX, Karl Heinrich. **O capital. Livro I**. Op. cit., p. 46 (texto “Advertência aos leitores do Livro I d’*O capital*”). Já o *mais-valor relativo*, ainda com Althusser (Idem, p. 46 e 47), diz respeito “à *intensificação da mecanização da produção* (industrial e agrícola) e, portanto, ao crescimento da produtividade que daí resulta. A automação é a sua tendência atual. Produzir o máximo de mercadorias pelo preço mais baixo, para extrair daí o máximo lucro, é a tendência irresistível do capitalismo. Naturalmente, ela vem junto com uma exploração crescente da força de trabalho” (grifo nosso), sentencia. O referido filósofo marxista francês relata que a “revolução ininterrupta dos meios de produção”, sobretudo nos instrumentos de produção (tecnologia), que faz parte, aliás, da história do capitalismo, “tem efeitos precisos no agravamento da exploração da força de trabalho (aceleração do ritmo de trabalho, supressão de empregos e postos de trabalho), não apenas para os proletários, mas também para os trabalhadores assalariados não proletários, inclusive para certos técnicos, até mesmo de alto escalão, que ‘não estão mais atualizados’ com o progresso técnico e, portanto, não têm mais valor de mercado: daí o desemprego subsequente”, e a [precarização do trabalho](#), no caso, principalmente, das camadas menos ou não especializadas da força de trabalho, digo eu.

28 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 525 Nota 23.

29 Idem, p. 168.

30 Ibidem, p. 169.

Visto que capital, como “valor tornado autônomo”, prescreve Marx, só se realiza em um valor de uso que o multiplica, o reproduz e o conserva, o dinheiro convertido em capital “é indiferente às particularidades de todas as mercadorias e [...] pode adotar a forma de qualquer mercadoria”. O capital, assim, Marx prossegue, “não é esta ou aquela mercadoria, pois pode metamorfosear-se em qualquer uma delas”.³¹

Considerando, conforme o filósofo alemão, que “As mercadorias, como um todo, não excluem o dinheiro; ao contrário, apresentam-se [no mercado, digo eu] como encarnações suas [ou seja, apresentam-se encarnadas no dinheiro, digo eu novamente]”, no intercâmbio, “[...] a mercadoria, assim como o dinheiro, só vale como trabalho objetivado [como trabalho abstrato objetivado, digo eu mais uma vez]”.³²

Nesse aspecto, assinala Rosdolsky, “não há diferença de princípio entre as mercadorias e o dinheiro transformado em capital”, pois ambos são **trabalho objetivado**³³. Entretanto, antes de se ter trabalho objetivado se tem trabalho vivo e este, de acordo com Marx, “só pode existir como sujeito vivo, como capacidade e possibilidade, portanto como *trabalhador*” (grifo do autor). Em consequência, deduz Roman Rosdolsky ancorado em Marx, “o trabalho é o único valor de uso ‘que pode se **opor e complementar** o dinheiro como capital’” (grifo nosso).³⁴

Desse modo, prescreve Karl Marx, “**O único intercâmbio que permite ao dinheiro transformar-se em capital é o que estabelece o possuidor do dinheiro** [o capitalista, digo eu] **com o possuidor da capacidade viva de trabalho**”³⁵, isto é o **trabalhador** [relação que deriva do processo de separação entre capital e trabalho, e a exploração deste por aquele, características essenciais do modo de produção capitalista, digo eu]”. Nesse sentido, Roman Rosdolsky define “o **trabalho vivo como o valor de uso do capital**, como o ‘verdadeiro não capital’ que se opõe ao capital como tal”³⁶.

Como o próprio Marx destaca nos *Grundrisse* (e também no Livro I d’*O capital*), segundo Rosdolsky, “a transformação do dinheiro em capital [...] ‘se desenvolve a partir da relação que se estabelece entre o valor de troca [no sentido de “valor” ou valor econômico ou intrínseco, digo eu] que se tornou autônomo e o valor de uso [a utilidade de multiplicar-se, reproduzir e conservar-se, conforme

31 Ibidem, p. 168.

32 Ibidem, p. 168 e 169.

33 Revisando: mercadoria, na condição de valor ou valor econômico ou intrínseco, é o tempo de trabalho abstrato objetivado, materializado nela; na condição de valor de uso, é a utilidade para satisfazer necessidades humanas. O dinheiro, por sua vez, é a medida do valor ou valor econômico ou intrínseco da mercadoria, a medida do tempo de trabalho abstrato objetivado na mercadoria. Preço, finalmente, é a expressão do valor ou valor econômico ou intrínseco da mercadoria – do tempo de trabalho abstrato objetivado – medido pelo dinheiro.

34 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 169 (Idem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

35 Nesse ponto, Rosdolsky faz a observação que Marx, nos manuscritos de 1857/58, *Grundrisse*, ainda não emprega a expressão “força de trabalho”, o que vai fazer posteriormente, mas sim “capacidade ou faculdade de trabalho” (Ibidem, p. 525 Nota 26).

36 Para Marx, “O trabalho, colocado como *não capital* como tal, é: (1) [...] não matéria-prima, não instrumento de trabalho, não produto material”. É o trabalho “dissociado de todos os meios de trabalho e objetos de trabalho, de toda sua objetividade [...], existência puramente subjetiva do trabalho”; (2) sendo o trabalho, nessa condição, “a fonte viva do valor” (‘para os capitalistas’, acrescenta Rosdolsky), e portanto a “possibilidade universal da riqueza [...] como atividade”, continua Marx, ambas formulações “se condicionam reciprocamente e decorrem da natureza do trabalho, já que este, como antítese, como existência contraditória do capital, está pressuposto pelo capital e, ao mesmo tempo, pressupõe o capital” (Ibidem, p. 525 Nota 28). Voltaremos ao assunto quando do nosso estudo direto dos *Grundrisse* propriamente ditos.

visto anteriormente]”³⁷. Ou seja, a transformação do dinheiro em capital é desenvolvida a partir da relação que se estabelece entre o **valor da força de trabalho** (adquirida pelo capitalista em troca de dinheiro na forma salário) e a sua **utilização pelo capital** para criar e multiplicar valor.

Essa é a primeira premissa da relação do capital, acrescenta Rosdolsky ancorado em Marx: por um lado tem “o fato de que o proprietário do dinheiro, o capitalista, pode trocar seu dinheiro ‘pela capacidade alheia de trabalho [ou força de trabalho, digo eu], transformada em mercadoria’”; por outro, “O trabalhador, por sua vez, ‘dispõe de sua capacidade de trabalho como proprietário livre e a trata como mercadoria [já que a vende ao capitalista, digo eu]’, além do que, nessa condição, já não dispõe do produto do seu trabalho, ou, como diz Marx, “já não dispõe de seu trabalho na forma de outra mercadoria, de trabalho objetivado [aquilo que produziu não lhe pertence, mas sim ao proprietário dos meios de produção, ao capitalista que adquiriu dele a capacidade ou força de trabalho, digo eu]”. A única mercadoria “que tem para colocar à venda é sua capacidade de trabalho [sua força de trabalho, repetimos], existente em seu próprio corpo vivo”, sentencia o filósofo alemão.

Não esqueçamos que o desenvolvimento marxiano do conceito geral de capital parte das determinações menos complexas da circulação mercantil simples, do processo vender para comprar representado pela sequência M_1-D-M_2 . Como visto até aqui, “o intercâmbio entre capital e trabalho [...] é apenas uma relação de dinheiro e mercadoria [a capacidade viva de trabalho ou força de trabalho, digo eu novamente]”, pois, conforme o filósofo alemão, o que aí ocorre “não é o intercâmbio entre dinheiro e trabalho, mas sim entre dinheiro e capacidade viva de trabalho” – a venda pelo trabalhador da sua mercadoria força de trabalho para o capitalista em troca de salário com o qual adquire mercadoria (ato M_1-D-M_2).³⁸

Porém, esse intercâmbio não se limita à circulação simples, ele vai além, analisa Rosdolsky: “o que impulsiona esse intercâmbio, sucessivamente, para mais além dos limite da circulação simples é o valor de uso específico do que foi intercambiado, o valor de uso da capacidade viva do trabalho”, a utilidade de reproduzir valor, de produzir valor a mais, digo eu.

Importante lembrar que na circulação simples de mercadorias o valor de uso não interferia no conteúdo da relação de troca como algo externo a ela, não afetava a forma da relação: o sujeito *A* troca sua mercadoria não valor de uso para ele por outra mercadoria não valor de uso para seu proprietário – o sujeito *B* –, de modo a satisfazer as

37 No cotejo entre o apresentado nos manuscritos *Grundrisse* de 1857/58 e no Livro I d’*O capital*, Roman Rosdolsky afirma que a solução de Marx sobre o tema é a mesma, pontuando que “A diferença é que ali [em *O capital*, digo eu] a solução aparece em forma acabada, omitindo-se os passos intermediários que conduzem a ela, enquanto aqui [nos manuscritos de 57/58, digo eu novamente] podemos observá-la, por assim dizer, *in statu nascendi* [no estado de nascença, traduzimos]”. Ademais, completa Roman, ambas soluções “resultam do método dialético de Marx [...]”. A diferença está apenas no modo de exposição”. Ainda sobre o método, de acordo com Rosdolsky, a solução marxiana para o problema da formação do capital não se restringe ao “desenvolvimento dialético de conceitos. Ela se baseia igualmente em uma profunda análise das condições históricas concretas que conduziram à formação do modo capitalista de produção” (Ibidem, p. 169).

38 Ibidem, p. 170 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

diferentes necessidades naturais de ambos. E isso ocorreu em todos estágios da evolução histórica do intercâmbio (salvo no primeiro estágio)³⁹. Mas no intercâmbio entre capital e trabalho verifica-se o contrário, explica Marx, “o valor de uso do que é trocado pelo dinheiro define uma relação econômica especial” (grifo do autor). Trata-se, continua ele, de “um momento econômico essencial”. Aqui têm lugar, na verdade, prossegue o filósofo, “dois processos diferentes – e até opostos – não só do ponto de vista formal [do ponto de vista da sua forma, digo eu], mas também qualitativo [do ponto de vista do seu conteúdo, digo eu novamente]”, assim enumerados por Roman: “(1) o **intercâmbio da capacidade de trabalho pelo salário** (ato que cabe dentro da circulação simples) e (2) o **uso da capacidade de trabalho pelo capitalista**^{40]}”.

Explicitando os dois atos, Karl Marx aponta que o primeiro processo “é um intercâmbio e pertence inteiramente ao processo habitual de circulação [no qual o trabalhador vende sua força de trabalho (mercadoria do trabalhador) ao capitalista em troca de salário, ato M_1-D da circulação mercantil simples, frisamos]; o segundo é um processo qualitativamente diferente, e só por abuso pode ser considerado como intercâmbio, seja de que tipo for. Contrapõe-se diretamente ao intercâmbio [‘de mercadorias’, acrescenta Rosdolsky]” (grifo do autor); é uma “categoria essencialmente diferente”.⁴¹

Em nossas palavras, o segundo ato expressa não um intercâmbio mas sim a utilização de uma mercadoria (no caso a força de trabalho) para produzir uma mercadoria com valor agregado – um “processo específico de apropriação do trabalho por parte do capital”. Neste segundo ato o dinheiro não mais desempenha o papel de intermediário entre mercadorias, esse papel ele desempenhou no primeiro ato.

Da junção dos dois processos tem-se o **processo do intercâmbio mercantil capitalista comprar para vender**, típico das sociedades burguesas, retratado pela sequência D_1-M-D_2 – a **transformação da forma de circulação M_1-D-M_2 na forma D_1-M-D_2** . Ou seja, o capitalista adquire força de trabalho e entrega salário ao trabalhador

39 Roman divide a evolução histórica do intercâmbio de mercadorias em três estágios: o “intercâmbio entre trabalho e o produto desse trabalho”, o “intercâmbio de produtos” e o “intercâmbio real de mercadorias”. Entretanto, neste projeto de estudo, para efeito didático, subdividimos o estágio do “intercâmbio real de mercadorias” em intercâmbio real com a intermediação da mercadoria-dinheiro (que historicamente foram o gado, o sal, o couro, escravos etc.), que chamamos de *intercâmbio real mercantil simples*, e em intercâmbio real com a intermediação do dinheiro propriamente dito (a prata, o ouro etc.), que denominamos de *intercâmbio real mercantil capitalista*. Desse modo, passamos a considerar quatro estágios da evolução histórica do intercâmbio de mercadorias: primeiramente, nas comunidades naturais, onde o homem produzia apenas o que necessitava imediatamente (sendo o limite de suas necessidades o limite de sua produção), havia somente “o intercâmbio entre seu trabalho e o produto do seu trabalho” (grifo nosso), uma “forma latente, o germe, do intercâmbio real”; no passo seguinte, “quando o homem passa a produzir mais do que necessita para o sustento cotidiano, quando seu trabalho lhe proporciona um ‘produto excedente’”, surge o que se conhece como “intercâmbio de produtos” (grifo nosso), e entre comunidades distintas, não ocorrendo no interior das próprias comunidades naturais – é o que se chamou de “troca primitiva”; no terceiro estágio da evolução do intercâmbio, onde se dá “a transformação incipiente dos valores de uso em mercadorias”, temos o *intercâmbio real mercantil simples*, momento que se passa a empregar “a mediação do dinheiro”, mas não ainda o dinheiro típico do quarto estágio da evolução histórica da relação de troca, do *intercâmbio real mercantil capitalista*, ocasião em que o valor de troca das mercadorias (no sentido de “valor” ou valor econômico ou intrínseco) predomina no intercâmbio e o dinheiro se transforma em capital (Ibidem, p. 109, 110 e 111).

40 Ato que se situa fora do intercâmbio simples entre capital e trabalho, como veremos no capítulo seguinte. Na circulação mercantil capitalista a criação de valor a mais e sua multiplicação não se dão na própria circulação, mas à margem dela.

41 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 171 (Idem em relação à redação dos quatro parágrafos seguintes).

(ato M_1 -D da circulação mercantil simples) para que este produza valor para o capitalista (ato D_1 -M da circulação mercantil capitalista) na forma de dinheiro convertido em capital (na forma de dinheiro que produz a si mesmo, ato M - D_2 da circulação capitalista). “No curso dessa transformação, **o dinheiro converteu-se em capital** [forma completa D_1 - M - D_2 , ilustramos]” (grifo nosso), arremata Rosdolsky.

Enquanto na circulação mercantil simples a mercadoria (M_1) se transforma em dinheiro (D) e este em outra mercadoria (M_2), realizando-se no final a troca de M_1 por M_2 por meio de D, em cuja relação as duas categorias apenas transitam de uma forma a outra, na circulação mercantil capitalista o dinheiro como meio de circulação das mercadorias entra e sai de cena (ato D_1 -M) e é substituído pelo dinheiro como capital (ato M - D_2). Nessa condição, não mais apenas viabiliza o intercâmbio, mas agora e essencialmente produz, conserva e multiplica valor num movimento contínuo: **“Assim, no capital, o dinheiro perdeu sua rigidez; de objeto tangível [moeda, por exemplo, digo eu], passou a ser processo”**⁴².

Antes, na etapa da circulação simples de mercadorias (ciclo M_1 -D- M_2), a premissa do intercâmbio, segundo Marx, era a produção “que só criava valores de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco da mercadoria, digo eu] como excedentes [visto que só se trocava aquilo que não era valor de uso para seu proprietário, digo eu novamente]”, valor este que corresponde, como vimos em folhetos anteriores, ao **tempo de trabalho social** (ou **tempo de trabalho abstrato**) encarnado nas mercadorias que ingressavam na circulação; “agora”, no processo comprar para vender, que corresponde ao ciclo D_1 -M- D_2 , à circulação mercantil capitalista, “a própria circulação retorna à atividade que cria e produz o valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco, digo eu mais uma vez] [...] como seu fundamento” e, ao mesmo tempo, “como seu resultado”, fazendo com que o dinheiro, que antes na circulação servia como meio de troca, passe a ser produtor de valor a mais se transformando em capital. Essa produção de valores [ou valores econômicos ou intrínsecos, ou ainda “valores de troca”, como Marx opta intencionalmente por denominar, mas com ressalva, conforme já mencionado, lembramos] “se converte na forma social decisiva, que domina todo o sistema de produção”, observa Roman Rosdolsky.

“Mas, o capital”, crava Marx, “só adquire essa característica sugando continuamente, como um vampiro, o trabalho vivo, substância que o anima”, ou, dizendo o mesmo mas de outro modo, de acordo com o que extrai Roman Rosdolsky, desta feita do Livro I d’*O capital*, “O capital é trabalho morto que, como um vampiro, só se reanima ao sugar trabalho vivo, e que vive tanto mais quanto mais trabalho vivo suga”.⁴³

Não obstante a construção teórica e o desenvolvimento conceitual empreendido, Marx enfatiza que o fato essencial de o capitalista buscar,

42 Prescreve Marx: “Do ponto de vista do capital, o dinheiro e a mercadoria, assim como a própria circulação simples, só existem como momentos abstratos particulares de sua existência [como determinações de sua existência concreta, digo eu]. O capital aparece neles [nesses momentos, digo eu novamente] constantemente, passando de uma forma a outra, na mesma medida em que desaparece” (Ibidem, p. 171).

43 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 526 Nota 40.

e encontrar, “no mercado de trabalho, no espaço da circulação, a capacidade de trabalho [ou força de trabalho, frisamos] transformada em mercadoria [...] é o resultado de um largo processo histórico, é a síntese de muitas reviravoltas econômicas. Pressupõe o declínio de outros modos de produção [...] e determinado desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social” (grifo nosso)⁴⁴. “Um **processo histórico** [e **dialético**, digo eu] cuja expressão teórica é a categoria do ‘**dinheiro como capital**’” (grifo nosso)⁴⁵.

Em uma síntese do exposto, vimos que no transcorrer do processo histórico de evolução do intercâmbio mercantil o então produtor de mercadorias se viu expropriado dos meios de produção que se deslocaram para as mãos do detentor do dinheiro, ou capitalista, restando àquele produtor, para que possa viver e sobreviver, apenas a alternativa de ofertar, em troca de salário, ao agora proprietário dos meios de produção, sua capacidade produtiva, força de trabalho, da qual continua sendo proprietário, transformando-se em trabalhador assalariado. Sendo a força de trabalho, nessas condições, uma mercadoria, posto que passa a ser transacionada tal qual as demais mercadorias, na perspectiva do trabalhador esse intercâmbio é representado pelo ato da circulação simples de mercadorias (processo vender para comprar), definido pela sequência M_1-D-M_2 , na qual a força de trabalho (M_1), propriedade do trabalhador, é trocada por dinheiro, propriedade do capitalista, na forma de salário (D), com o qual adquire mercadoria (M_2) para satisfazer suas necessidades de subsistência.

Porém, com desenvolvimento histórico do intercâmbio de mercadorias, quando não mais se troca apenas o excedente, a circulação simples não consegue explicar o surgimento da mercadoria (M_2) adquirida pelo trabalhador, e não poderia mesmo explicar, pois ela decorre de uma nova forma de relação econômica que para ser entendida deve ser observada pela ótica do proprietário dos meios de produção, do capitalista, e não mais pela perspectiva do trabalhador. Trata-se de uma relação cujo objetivo fundamental e único é a criação, reprodução e incremento de valores de troca (no sentido de “valor” ou valor econômico ou intrínseco da mercadoria). Estamos a falar do **processo comprar para vender**, da **circulação mercantil capitalista**, cuja finalidade única é a produção e circulação direcionada ao mercado, à venda de mercadorias, **visando valor a mais**. Desse modo, essa nova forma de circulação mercantil segue o ciclo definido pela sequência D_1-M-D_2 , um ciclo oposto ao da circulação simples, assim descrito: o detentor dos meios de produção, **detentor de capital**, ao adquirir, com o dinheiro que possui (D_1), a **capacidade viva de trabalho** (M) – a mercadoria força de trabalho –, apropria-se e utiliza-se dela para com a venda do produto desse trabalho (na forma de trabalho objetivado em M) auferir valor a mais (D_2), se não contrário o capitalista teria prejuízo. Da relação entre capital e trabalho trataremos a seguir.⁴⁶

44 Idem, p. 169 e 170;

45 Ibidem, p. 171.

46 No capítulo onze de “Gênese e estrutura de *O capital*” que acabamos de reproduzir, o autor apenas em pouquíssimos momentos inclui alguma menção à mais-valia ou mais-valor. Claramente, ao investigar a transformação do dinheiro em capital, Marx está preocupado com o desenvolvimento desse processo e em conceituar a categoria capital. Nos três capítulos seguintes, todos reproduzidos neste Folheto nº 07, Rosdolsky dedica-se ao aprofundamento da análise do intercâmbio entre capital e força de trabalho, do processo de trabalho e

Capítulo 12 – O intercâmbio entre capital e força de trabalho⁴⁷

Da investigação marxiana de como se deu a transformação do dinheiro em capital, exposta no capítulo anterior, foi destacada a existência de dois processos distintos no **intercâmbio entre capital e trabalho**. Na perspectiva do trabalhador, recapitula Roman Rosdolsky, esse intercâmbio se restringe “à **venda de sua força de trabalho em troca de uma soma em dinheiro, o salário**” (grifo nosso). No mesmo intercâmbio, agora na perspectiva do capitalista (proprietário dos meios de produção), verifica-se o “oposto”: “**o capital adquire o próprio trabalho, ‘a força produtiva que conversa e multiplica o capital’**” (grifo nosso).⁴⁸

A partir dessas duas perspectivas distintas, Rosdolsky faz uma observação fundamental: “essa força [produtiva, ressaltamos] não surge do valor da mercadoria comprada [valor econômico ou intrínseco da força de trabalho em si, digo eu], mas sim do **valor de uso** desta [ou seja, surge da utilização da força de trabalho para produzir valor a mais, digo eu novamente]” (grifo nosso).

Para o trabalhador o intercâmbio entre capital e trabalho “é um ato de **circulação mercantil simples**, no qual sua mercadoria (força de trabalho) percorre a forma de circulação **M-D-M** [ou ato M_1-D-M_2 , **processo vender para comprar** – o trabalhador vende força de trabalho e recebe salário (M_1-D), com o qual adquire mercadoria para satisfazer suas necessidades de subsistência ($D-M_2$), lembramos]” (grifo nosso). Já o capital percorre caminho diverso, “definido pela forma **D-M-D** [ou ato D_1-M-D_2 , **circulação mercantil capitalista** ou **processo comprar para vender** – o capitalista adquire a mercadoria força de trabalho (D_1-M) para empregá-la na produção de outra mercadoria visando receber valor a mais, ou mais dinheiro ($M-D_2$), acrescentamos]” (grifo nosso).

Do lado do trabalhador, prossegue o autor de *Gênese* reproduzindo Marx, trata-se “de um **intercâmbio de equivalentes** (força de trabalho por preço do trabalho), enquanto por parte do capital só se pode falar de um **intercâmbio aparente** (ou mesmo de um ‘**não intercâmbio**’), pois através dele o capitalista ‘deve receber mais valor do que aquele que entregou [ao trabalhador, na forma de salário, digo eu]’” (grifo nosso).

O presente capítulo foca no primeiro processo: **a venda da força de trabalho pelo trabalhador em troca de salário** (processo vender para comprar). No referido intercâmbio, conforme clarifica Roman, o trabalhador comparece “como o **proprietário**

processo de valorização, e, por fim, da criação e conservação do valor no processo de produção (capital variável e capital constante) para, só depois, adentrar na que considera “principal categoria do sistema marxiano, a categoria que, nas palavras de Engels, estava destinada a ‘subverter a economia’ tradicional ‘e que oferece [...] a chave para se compreender toda a produção capitalista’: a mais-valia [ou mais-valor, digo eu]”, ou, como se fala coloquialmente, o “lucro” no modo de produção capitalista (Ibidem, p. 191).

47 O capítulo doze de *Gênese* corresponde ao item “Troca entre capital e trabalho” da sequência *Capítulo do dinheiro como capital–Primeira seção: O processo de produção do capital–Capítulo do capital* dos manuscritos marxianos “Elementos [Esboços] fundamentais para a crítica da economia política”, os *Grundrisse* propriamente ditos (in MARX, Karl Heinrich. *Grundrisse*. Op. cit., Sumário).

48 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 173 (Idem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

de uma mercadoria, a **força de trabalho**, que não existe como uma coisa fora dele, mas pertence à sua corporalidade viva" (grifo nosso). Sendo parte dele mesmo, "Subtende-se, pois, que só pode **ceder** ao proprietário do dinheiro, ao capitalista, o **controle** de sua capacidade de trabalho, e que tal controle se limita", como continua dizendo Karl Marx, "a um **trabalho determinado**, é um **controle limitado no tempo** (tanto tempo de trabalho)" (grifo nosso). Assim encontramos no Livro I ("O processo de produção do capital") d'*O capital*, conforme nos revela Rosdolsky: "se o trabalhador vender sua força de trabalho 'de uma vez por todas ['então', intervém Roman Rosdolsky] venderá a si próprio, transformando-se de homem livre em escravo, de possuidor de mercadoria em simples mercadoria'".⁴⁹

Cedendo tão somente o controle da sua capacidade de trabalho, e por um período limitado de tempo, o trabalhador, continua Marx, pode reiniciar o intercâmbio assim que tenha as condições biológicas necessárias e apropriadas "para poder reproduzir suas forças vitais". A repetição periódica do ato de intercâmbio entre capital e força de trabalho, complementa Rosdolsky, sempre ancorado em Marx, "expressa o fato de que o trabalhador não é um '*perpetuum mobile* [movimento perpétuo, digo eu em tradução livre]'; deve satisfazer suas necessidades de descanso e alimentação 'antes de estar em condições de retomar o trabalho e renovar o intercâmbio com o capital'".⁵⁰

Porém, há um aspecto importante que o autor dos *Grundrisse* capta desse movimento repetitivo: não há uma real repetição nesse intercâmbio, ou como assinala Roman Rosdolsky, "a repetição é apenas aparente". Diz Karl Marx: "O que ele [o trabalhador, digo eu] troca com o capital é [o controle de, digo eu novamente] **toda sua capacidade de trabalho**, que gasta, digamos em vinte anos. Em lugar de pagá-la de uma só vez, **o capital paga aos poucos** ['o que não altera a essência da relação', acrescenta Rosdolsky]" (grifo nosso)⁵¹. Ou seja, **mediante contrato** o trabalhador coloca à disposição do capitalista (ato M₁-D) a sua **força de trabalho** pelo **tempo que for pactuado**, cujo **pagamento é realizado aos poucos** na forma de **salário**. Não obstante, como o trabalhador é proprietário da força de trabalho e continuará sendo, pois apenas cede ao capitalista um controle temporário sobre ela, a condição de proprietário dessa mercadoria "integra o conjunto de características que, historicamente, coloca a relação de trabalho assalariado acima dos modos anteriores de exploração", chama a atenção Rosdolsky.⁵²

Diferentemente do escravo e do servo, o trabalhador assalariado, pontua Marx, "é proprietário de si mesmo; na troca, dispõe de suas próprias forças". "O que

49 Ibidem, p. 173 e 526 Nota 1.

50 Ibidem, p. 173.

51 O intercâmbio é um só, mas que se desenvolve durante determinado período de tempo e sob dada condição, dando a impressão de que se repete.

52 Ibidem, p. 173 e 174. O mais emblemático e perverso exemplo histórico desses modos anteriores de exploração, prossegue Roman, citando Marx, é mesmo o da relação escravista (embora tenha existido também a relação de servidão, onde os servos eram equiparados aos animais de tração), na qual "o produtor direto [o trabalhador escravo, digo eu] pertence 'ao proprietário individual, particular, como sua máquina de trabalho. [...] esse trabalhador é uma coisa que pertence ao outro, e por isso não se comporta como sujeito perante sua própria força vital ou perante a ação viva de trabalho'" (Ibidem, p. 174).

vende”, diz Rosdolsky, “é apenas [o controle de, digo eu] uma porção, determinada e específica, de suas forças; a totalidade de sua força de trabalho é maior que cada dispêndio específico”, sendo, por isso, conclui Rosdolsky, ainda com o autor d’*O capital*, “reconhecido como pessoa, como um ser humano que, ‘à margem do trabalho, é algo para si mesmo, e cuja expressão vital só é alienada como meio para manter a própria vida’”.⁵³

Nas lições do filósofo alemão, porém, não se pode perder de vista que o trabalhador assalariado vende sua capacidade de trabalho, sua força vital, “a um capitalista, a quem se contrapõe como indivíduo independente”. Entretanto, é evidente que esta condição de independência não se apresenta exatamente assim na relação com a classe capitalista, embora, “a pessoa real, individual” mantenha “grande possibilidade de escolha e, portanto, de exercício de uma liberdade formal” – “liberdade”, acrescenta Roman Rosdolsky, “de que não dispunham os produtores em outras sociedades de classes, e sem a qual sua luta de libertação seria quase inimaginável”.

Acima, fizemos referência à pessoa do trabalhador assalariado, à sua esfera individual. Mas, e do ponto de vista social, em qual condição se situa a classe trabalhadora face à capitalista? Consultando *O capital* (Livro I) Rosdolsky antecipa o trato marxiano da questão: “Do ponto de vista social, a classe operária [...] é um *acessório* do capital, assim como o instrumento inanimado de trabalho [...]. O escravo romano estava preso por correntes ao seu proprietário; o assalariado também está preso, porém por fios invisíveis. A contante troca de patrão individual e a *fictio juris* [‘ficção jurídica’, traduz Rosdolsky] do contrato mantém de pé a aparência de que o assalariado é independente”.⁵⁴

O trabalhador individualmente livre é proprietário da sua capacidade de trabalho, “que ele gasta e controla, e que conserva consigo ao alienar”, assenta Marx. Assim como qualquer outro proprietário de mercadoria, a forma que se dá o intercâmbio e o uso que o comprador fará da mercadoria adquirida, no caso, a força de trabalho, pouco interessa para o vendedor (em se tratando do trabalhador assalariado não importa se foi contratado como uma reserva de mão de obra ou se deverá produzir isso ou aquilo etc.). Uma ou outra função formal da relação não altera o fato de que o trabalhador assalariado, conforme a lei do intercâmbio de mercadorias, “só recebe do capitalista o **equivalente** à sua força de trabalho” (grifo nosso), observa Roman Rosdolsky.⁵⁵

Neste ponto, se põe um outro aspecto do intercâmbio entre capital e trabalho: **o valor da força de trabalho, o montante do equivalente** pela cessão da força de

53 Ibidem, p. 174 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte). Embora no intercâmbio o trabalhador coloque à disposição do capital toda sua capacidade de trabalho, o capitalista, porém, apenas detém o controle de porção determinada e específica dela, distribuída ao longo de determinado período de tempo e sob certas condições. Caso contrário o trabalhador seria um escravo.

54 Ibidem, p. 527 Nota 7.

55 Ibidem, p. 174 e 175. O leitor poderá indagar, e o [sistema de pagamento por peças](#)? Na obra e páginas referenciadas lemos que para Marx esse sistema apenas “introduz a aparência de que o trabalhador recebe uma determinada parte do produto [do seu trabalho, como se vendesse ao capitalista não a sua força de trabalho, mas um produto (o trabalho objetivado em um produto), recebendo o completo pagamento do trabalho, de acordo com a quantidade de produtos que elabora, digo eu]. Mas trata-se apenas de outra forma de medir o tempo [de trabalho, digo eu novamente] (em vez de dizer ‘você trabalha doze horas’ se diz ‘você recebe tanto por peça, ou seja, seu tempo de trabalho é medido pela quantidade de produtos’)”.

trabalho. Nesse sentido, uma coisa é certa, pontua Karl Marx: o valor da força de trabalho não pode ser determinado “pela forma como o comprador [o capitalista, digo eu] usa sua mercadoria, mas sim pela **quantidade de trabalho** materializado nela” (grifo nosso), visto que, ainda segundo Marx, e como insinuado anteriormente, “O valor de uso de uma coisa não diz respeito ao vendedor como tal [no caso, o trabalhador, digo eu], mas só ao comprador⁵⁶. A qualidade que tem o salitre de poder ser utilizado para fazer pólvora não determina o preço do salitre; este preço depende dos seus custos de produção”. E os custos de produção da força de trabalho, que determina o “valor” ou valor econômico ou intrínseco da mercadoria força de trabalho (ou “valor de troca”, como Marx opta intencionalmente por denominar em várias passagens da sua análise, conforme mencionamos no capítulo anterior), é estabelecido e se mede, diz Rosdolsky, “[...] pela **quantidade de trabalho necessária para manter o trabalhador vivo e reproduzi-lo como trabalhador**” (grifo nosso), uma vez que a mercadoria oferecida pelo trabalhador, prescreve Marx, “existe apenas como capacidade de seu corpo”. Essa quantidade de trabalho “determina em geral [...] a **soma de dinheiro** [salário, digo eu] que o trabalhador recebe no intercâmbio” (grifo nosso).⁵⁷

Ora, se o trabalhador vende sua mercadoria força de trabalho ao capitalista e recebe por ela, em forma de dinheiro, o seu equivalente, como se dá em qualquer intercâmbio de mercadorias intermediado pelo dinheiro, então o trabalhador, conjectura o filósofo alemão, está “imerso [...] na troca capitalista de equivalentes”, isto é, numa relação de “igualdade” (conforme dispusemos no Capítulo 10 deste artigo quando caracterizamos a circulação mercantil simples, na qual se insere a relação de troca entre o trabalho e o capital (ciclo M_1-D-M_2)⁵⁸). Nada disso. Tal igualdade, exclama o próprio Marx, é só “uma aparência, e uma aparência enganosa”, pois, na verdade, ela foi abolida, o capital “**apropriou-se, sem**

56 No intercâmbio simples de mercadorias quando alguém vende alguma coisa é porque esta coisa não é, ou deixou de ser, valor de uso para ele (não tem utilidade no que se refere à sua fruição). Por outro lado, quando alguém compra algo é porque este algo é valor de uso para ele. Portanto, o valor de uso diz respeito ao comprador. Para o vendedor interessa quanto receberá como equivalente pela mercadoria vendida e qual o parâmetro quantitativo de estipulação desse equivalente.

57 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 175. No apêndice da Parte III (“A seção sobre processo de produção [do capital]”) de *Gênese*, intitulado “Sobre a crítica à teoria marxiana do salário”, o autor dedica algumas linhas sobre a *teoria do salário* em Marx. Igualmente como faz em relação às demais mercadorias, também quanto à mercadoria força de trabalho o filósofo alemão “distingue” *valor de preço*. Para Marx, “o *preço da força de trabalho* é o *salário*, que depende da relação entre oferta e demanda no mercado de trabalho; já o *valor da força de trabalho* é a *magnitude média* à qual o salário efetivamente pago tende a equiparar-se, em períodos prolongados, sendo portanto independente da oferta e da demanda” (grifo nosso). Diferentemente do preço, o valor da força de trabalho é determinado pelos *custos de produção*, assim como também ocorre com todas as demais mercadorias. Entretanto, como a força de trabalho, diz Marx, “só existe como capacidade ou dom do indivíduo vivo”, sendo inseparável de seu portador, o próprio trabalhador, “os custos de produção”, assinala Rosdolsky, citando Marx, “nesse caso, são os *custos necessários* para ‘manter o trabalhador como tal’ e para ‘perpetuar a linhagem dos trabalhadores’” (grifo nosso). Na sua maior parte, continua Roman, os custos de produção da força de trabalho “é formada pelos *meios de vida* que servem para conservar o trabalhador e sua família: alimentação, vestuário, habitação etc. O valor da força de trabalho é determinado pelo valor dos ‘meios de vida necessários’ e, em última instância, pela quantidade de trabalho neles incorporada” (grifo nosso). Ainda no referido apêndice, Roman Rosdolsky traz uma discussão sobre como determinar quais as exigências necessárias e os meios de vida necessários para manter o trabalhador, sobre as quais não discorreremos neste artigo (Idem, p. 237). Como observamos no Capítulo 2 (Folheto nº 02), nos *Grundrisse* Marx não tratou do tema salário. Dele tratou tão somente em *O Capital* (Livro I), portanto, o que dissemos aqui sobre salário é suficiente para darmos prosseguimento ao contido no capítulo doze de *Gênese*.

58 Conforme [Capítulo 10](#) (Folheto nº 06).

intercâmbio, de uma parte do seu tempo de trabalho, e isso ocorreu graças à *forma do intercâmbio*" (grifo itálico do autor, grifo em negrito nosso).⁵⁹

Como abordamos antes, no intercâmbio entre o trabalho e o capital, o capitalista adquire a força de trabalho pelo tempo que for pactuado, cujo pagamento é realizado aos poucos na forma de salário, porém, como será visto neste escrito, na utilização da força de trabalho pelo detentor do capital, no seu consumo (não exauriente), o trabalhador assalariado se defronta com o capitalista **"em uma relação econômica diferente, exterior à do intercâmbio [...]"** (grifo nosso), esclarece Marx.⁶⁰

Não esqueçamos, e isso é fundamental, que estamos a falar do **processo comprar para vender** (ato D_1-M-D_2), no qual o capitalista compra a mercadoria força de trabalho em troca de dinheiro (também uma mercadoria) para utilizá-la a fim de produzir valor a mais. No intercâmbio entre capital e trabalho temos embutida a compra e venda da mercadoria força de trabalho, uma circulação simples (entrega-se a mercadoria capacidade de trabalho, recebe-se seu equivalente em salário). Contudo, na utilização da mercadoria força de trabalho pelo comprador (capitalista) para produzir valor a mais, temos uma outra relação, uma relação exterior ao intercâmbio de mercadorias propriamente dito. **Não há aí um consumo exauriente da mercadoria adquirida, mas sim seu uso para produzir valor a mais.** Portanto, olhando o processo comprar para vender como um todo, na perspectiva do trabalhador, vê-se uma "ilusão", **uma aparência de troca de equivalentes.** E isso ocorre em função da forma sob a qual o intercâmbio passa a se apresentar, que não só modifica essencialmente essa relação mas também supera os modos de produção anteriores.

Há mais. De acordo com o autor d'*O capital*, como o trabalhador recebe dinheiro, forma universal de riqueza, pela venda da sua mercadoria força de trabalho, "ele passa a ter acesso ao **usufruto da riqueza universal**, até o limite do seu equivalente [...]" (grifo nosso), até o limite do salário que recebe. Porém, em regra, esse limite é muito estreito. Embora a esfera de sua fruição **não esteja limitada qualitativamente**, pois é livre (pelo menos em tese) para adquirir qualquer mercadoria, ela é **limitada quantitativamente**. "Também isso 'o diferencia do escravo, do servo da gleba etc.', arremata Roman Rosdolsky citando Marx⁶¹.

59 ROSDOLSKY, Roman. p. 175.

60 Idem, p. 175 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

61 Nesta altura o leitor deve estar pensando, "na prática essa fruição também é limitada qualitativamente, e não só para o trabalhador". Não há dúvida quanto a isso, mas também não há dúvida de que esse limite qualitativo (e também o quantitativo) é mais estreito na esfera prática de fruição do trabalhador. É certo que todos nós, sem distinção, estamos livres para ir ao Catar assistir a seleção brasileira de futebol sagrar-se hexacampeã do mundo, entretanto, nem todos, ou melhor, somente a "minoria da minoria" pode na prática exercer essa liberdade – objetivamente a limitação quantitativa da esfera de fruição da ampla maioria das pessoas se transformou em limitação qualitativa. E isso ocorre em qualquer intercâmbio; a diferença é o estreitamento maior ou menor desses limites na esfera de fruição de um ou de outro sujeito (de uma ou de outra classe social) participante da relação. No entanto, como observamos alhures, Marx está examinando as determinações das categorias presentes no intercâmbio entre capital e trabalho que se desenvolvem, num primeiro momento, como vimos, no âmbito da circulação mercantil simples. E nesse ambiente, também como aprendemos, prima os princípios da liberdade, igualdade e reciprocidade das partes, que os economistas burgueses querem estender como presentes na forma mercantil capitalista.

Importante perceber, segundo Rosdolsky, que Marx desenvolve seu raciocínio tendo como parâmetro a lei do intercâmbio e a perspectiva do trabalhador, ou seja, tem como parâmetro as determinações do intercâmbio mercantil simples, ambiente onde situa a relação de troca entre a força de trabalho e o capital, visto, frisamos, que “o objetivo desse intercâmbio [para o trabalhador, digo eu] não é o valor como tal, mas sim a satisfação das suas necessidades imediatas [‘[...] para manter sua vida, para satisfazer suas necessidades físicas, sociais, etc.’, conforme o próprio Marx acrescenta]”.⁶²

Sabemos que no âmbito da circulação mercantil simples (ciclo M_1-D-M_2) o dinheiro funciona como meio de circulação de mercadorias mas também pode ser entesourado, retirado da circulação (voluntária ou involuntariamente). O trabalhador, pelo menos em tese, poderia muito bem economizar uma parte do dinheiro que ganha na forma de salário para mantê-lo na forma universal de riqueza, ato M_1-D , entesourando-o, e “enriquecer”, não o convertendo em riqueza material, ato $D-M_2$. Ora, diz Marx, isso só será possível “se ele sacrifica a satisfação substancial de suas necessidades [...]; se, mediante a abstinência, apertando o cinto, aceita retirar da circulação, para seu consumo, menos bens do que entrega a ela”, ou também “se abre mão, ainda mais, do tempo de descanso [‘e’, intervém Rosdolsky] renova com maior rapidez o ato de intercâmbio [‘de sua força de trabalho’, observa mais uma vez Rosdolsky] [fazendo hora extra, digo eu], ou o torna mais estafante, mediante maior presteza [aumentando sua produtividade à exaustão, digo eu novamente].

Exigem do trabalhador que pratique abstinência de consumo e que atue com maior presteza. O filósofo alemão repudia com ironia tais exigências: “[...]. Se todos, ou a maioria, trabalhassem com presteza máxima [...], eles não aumentariam o valor de sua própria mercadoria [a força de trabalho, digo eu], mas apenas a quantidade ofertada [de trabalho, digo eu]; [...] os salários não tardariam a ser reduzidos até o nível correspondente [tanto relativamente, em relação ao incremento da produção sem a contrapartida de aumento salarial, quanto em termos absolutos, pois com o aumento da produtividade a tendência é se contratar menos e por menor remuneração, digo eu].

Dizem ainda que “Deve praticar a abstinência aquele que realiza o intercâmbio para obter meios de subsistência, e não aquele que visa enriquecer”, assinala Marx transcrevendo entendimento da época. Todavia, retruca mais uma vez o filósofo alemão com certa ironia, “[...] o que os trabalhadores podem conseguir com suas poupanças é, no melhor dos casos, uma distribuição mais racional de seus gastos, de modo que ‘na velhice, ou casos de doença ou crises etc., eles não dependam dos sanatórios, do Estado, da mendicância (em uma palavra, que vegetem às custas de seus próprios bolsos, que sejam um encargo para a própria classe trabalhadora, e não para os capitalistas)”.

62 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 176 (Idem em relação à redação dos três parágrafos seguintes). Por oportuno, de acordo com Roman (Ibidem, p. 527 Nota 20), “nunca ocorreu a Marx”, por óbvio, “limitar o valor da força de trabalho ao ‘mínimo existencial’ do ponto de vista físico”. Especificamente sobre este assunto Rosdolsky versa no já citado apêndice da Parte III de *Gênese*.

Os capitalistas reivindicam “a favor” dos trabalhadores que aproveitem a fase próspera da economia para poupar o suficiente e com isso sobreviver nas crises e suportar o período de escassez de trabalho ou de rebaixamento de salários. Verdadeiramente, o que se pretende com essas pregações, desvenda Rosdolsky ao amparo conclusivo de Marx, é “facilitar ao capital a superação das crises e velar para que ‘os capitalistas obtenham grandes juros com suas economias ou que o Estado as absorva [absorva as crises, digo eu]. Em qualquer caso, [os trabalhadores, digo eu novamente] terão economizado para o capital, e não para si mesmos’”.⁶³

Não obstante, Marx observa que tal engajamento geralmente é exigido por cada capitalista de seus trabalhadores, “mas só os *seus*, porque contrapõe a ele como trabalhadores; evita exigir o mesmo ao restante dos trabalhadores, que se contrapõe a ele como consumidores” (grifo do autor). Dirigindo-se aos outros trabalhadores consumidores, o capitalista “recorre a todos os meios para estimulá-los a consumir, colocando em suas mercadorias novos atrativos, criando neles novas necessidades etc. Este aspecto da relação entre capital e trabalho constitui um elemento fundamental da civilização; nele se baseia a justificativa histórica e o poder atual do capital”.⁶⁴

Roman Rosdolsky, após discorrer sobre o pano de fundo da relação capital e trabalho, sempre lastreado em Marx, menciona que por estar “[...] ‘imerso em uma relação de circulação simples’”, “[...] o trabalhador assalariado em geral não consegue enriquecer nem elevar-se acima da condição de sua classe [...]”. No intercâmbio com o capital o que ele recebe como equivalente não é “riqueza” mas tão somente meios de subsistência, “valores de uso para o consumo direto”. Na perspectiva do trabalhador, ainda que economize, “cedo ou tarde” o dinheiro que recebe volta à circulação (ato D-M₂ da sequência M₁-D-M₂) e acaba, por um processo posterior, agora na perspectiva do capitalista, convertendo-se em capital (ato M-D₂ da sequência D₁-M-D₂).⁶⁵

Ora, se o trabalhador figurasse no intercâmbio para obter riqueza e não meios de subsistência para satisfação de suas necessidades diretas, o trabalho (não capital) competiria com o capital (não trabalho). Defrontaria com o capital não como trabalho, mas como capital. Entretanto, sentencia Marx, “o capital não pode defrontar o capital. [O capital, digo eu] Deve ter diante de si o trabalho, pois, por definição, o capital só é capital como não trabalho, imerso em uma relação antagônica. Caso contrário, o próprio conceito de capital, e a relação que ele estabelece, seriam destruídos”.

É uma premissa do modo de produção capitalista, e não um paradoxo, assinala Rosdolsky, que “[...] todos os meios para a objetivação do seu trabalho”, isto é, todos os meios de produção do produto de seu trabalho (que corresponde a trabalho objetivado na mercadoria produzida), que antes pertencia ao próprio trabalhador, agora pertença ao

63 Ibidem, p. 176 e 177. Essa passagem nos remete, a título de reflexão, à frase de um ministro do governo brasileiro, em pleno século XXI, referindo-se [ao consumo das classes de baixa renda em viagens ao exterior](#), na defesa de uma taxa mais alta do dólar como benéfica para a economia mundial e, principalmente, a nacional, em contraposição a um câmbio mais baixo.

64 Ibidem, p. 428 Nota 24.

65 Ibidem, p. 177 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

capital. No modo capitalista de produção, “o trabalhador só dispõe de sua capacidade de trabalho [...]”, que trocou por salário, e por isso nada pode reivindicar face ao resultado que a sua mercadoria força de trabalho, alienada ao capitalista, gerou. Portanto, a força produtiva de seu trabalho” não pode beneficiá-lo, “mas sim ao capital”. O trabalhador, como vimos, permuta sua mercadoria força de trabalho por outra mercadoria (sequência M_1-D-M_2 , que significa no final uma troca de mercadoria por mercadoria (ato M_1-M_2)). De outra banda, o capitalista, diz Marx, “recebe o trabalho como trabalho vivo, força produtiva [ou força de trabalho, digo eu], atividade que incrementa a riqueza [sequência D_1-M-D_2 , digo eu mais uma vez]”. A par disso, conclui: “É claro que o trabalhador não pode enriquecer através desse intercâmbio. É mais provável que empobreça, [...] já que sua força criadora, a força de seu trabalho, se torna uma força do capital, potência alheia que se opõe a ele. **Aliena o trabalho como força produtiva da riqueza; o capital se apropria dele como tal.** Nesse intercâmbio já está inscrita a **separação entre trabalho e propriedade do produto do trabalho**, entre **trabalho e riqueza**” (grifo nosso)⁶⁶. Não o trabalho concreto e individual (o trabalho do artesão, por exemplo), mas o trabalho abstrato. A **transformação do trabalho concreto em abstrato** “[...] é, em si, o resultado do intercâmbio entre capital e trabalho, na medida em que este intercâmbio outorga ao capitalista o direito de propriedade sobre o produto do trabalho [sobre o trabalho objetivado, digo eu]”. O trabalhador é portador de trabalho abstrato como valor de uso para o capital. E isso “[...] só se concretiza no processo de produção capitalista”.⁶⁷

66 Referindo-se aos economistas burgueses, Marx registra que aqueles consideram o salário como improdutivo, entendendo que só é produtivo aquilo que produz riqueza. Como salário é produto da troca entre capital e trabalho, dizem eles, nesse intercâmbio de mercadoria por mercadoria o trabalhador não produz riqueza, nem para o capitalista (que paga o salário como um equivalente pela cessão da força de trabalho) nem para o trabalhador (já que deve usá-lo para adquirir mercadorias com vistas à sua reprodução social) (Ibidem, p. 528 Nota 28).

67 Ibidem, p. 177 e 178. Do trabalho concreto e abstrato tratamos no [Capítulo 3](#) (“Karl Marx e o problema do valor de uso na economia política”) do Folheto nº 02 deste artigo.

Capítulos 13 e 14 – Uma aproximação à categoria da mais-valia

Dando prosseguimento ao estudo do **processo de produção do capital**, Parte III de “Gênese e estrutura de *O capital* de Karl Marx”, Roman Rosdolsky, no Capítulo 13 – *Processo de trabalho e processo de valorização* e também no Capítulo 14 – *Criação e conservação do valor no processo de produção (capital variável e capital constante)*⁶⁸, aliado aos dois capítulos anteriores, encerra o que designou de uma aproximação à “principal categoria do sistema marxiano, a categoria que, nas palavras de Engels, estava destinada a ‘subverter a economia’ tradicional ‘e que oferece [...] a chave para se compreender toda a produção capitalista’: a **mais-valia**” (grifo nosso).⁶⁹

Levando em conta a consideração de Rosdolsky e o formato que adotamos para a reprodução do seu livro, em folhetos ou fascículos, optamos por reunir os dois capítulos mencionados em um só, unificando-os em torno do título “Uma aproximação à categoria da mais-valia”, de modo a dedicar o Folheto seguinte à mais-valia em si (natureza, conceito geral e formas fundamentais).

A) Processo de trabalho e processo de valorização⁷⁰

No capítulo anterior, acabamos de conhecer o que Roman Rosdolsky considera como o “primeiro aspecto do processo [de produção do capital, digo eu] que tem lugar entre o capital e o trabalho: o **intercâmbio da força de trabalho**, que pertence à **circulação mercantil simples**” (grifo nosso)⁷¹. Com o término do intercâmbio entre capital e trabalho houve um intercâmbio de equivalentes⁷² que conferiu ao capitalista a posse da força de trabalho em troca do pagamento de salário para suprir as necessidades de subsistência do trabalhador. O intercâmbio mercantil puro e simples entre capital e trabalho acaba aí⁷³.

68 Os capítulos treze e quatorze de *Gênese* correspondem ao item “Processo de trabalho e processo de valorização” da sequência *Capítulo do dinheiro como capital–Primeira seção: O processo de produção do capital–Capítulo do capital* dos manuscritos marxianos “Elementos [Esboços] fundamentais para a crítica da economia política”, os *Grundrisse* propriamente ditos (in MARX, Karl Heinrich. **Grundrisse**. Op. cit., Sumário).

69 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 191.

70 De pronto, no começo do Capítulo 13, Roman Rosdolsky observa que a investigação marxiana dos processos de trabalho e de valorização se apresenta mais completa e clara em *O capital*, especificamente no primeiro tomo ou Livro I – *O processo de produção do capital*. No tocante a esse aspecto, “os *Grundrisse* se diferenciam muito” da obra maior de Marx. O autor de *Gênese* aponta, entre outras coisas, que faltam naqueles manuscritos “marcantes diferenciações conceptuais entre objeto de trabalho e matéria-prima, processo de trabalho e processo de produção, processo de formação do valor e processo de valorização etc.”, embora trate deles. Isso sem falar no modo de exposição, haja vista que o disposto nos *Grundrisse* dialoga com “o modo [hegeliano](#) de expressão”. No entanto, para Roman, esses manuscritos “nos introduz no laboratório científico de Marx e nos permite testemunhar o nascimento de sua teoria econômica”, e isso importa muito para ele. Não obstante as diferenças apontadas, Rosdolsky conclui que “Os resultados da investigação são os mesmos nos dois casos, de modo que se pode considerar a exposição que aparece nos *Grundrisse* como a primeira redação do capítulo V [O processo de trabalho e o processo de valorização, digo eu] do primeiro tomo de *O capital*” (Idem, p. 179 e 184).

71 Ibidem, p. 178.

72 Venda da mercadoria força de trabalho em troca de dinheiro na forma salário, ato M_1-D do processo vender para comprar (sequência M_1-D-M_2 , circulação mercantil simples).

73 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 179.

Avançando em direção ao segundo aspecto do processo de produção do capital – **transformação do trabalho em capital** –, Karl Marx dispõe que “A *transformação do trabalho* (como atividade viva e orientada a um fim) *em capital* é, em si, o resultado do intercâmbio entre capital e trabalho, na medida em que este intercâmbio [que funciona no âmbito do processo mercantil simples, frisamos] outorga ao capitalista o direito de propriedade sobre o produto do trabalho [...]” (grifo do autor). Entretanto esta transformação só se concretiza “por meio do consumo de trabalho, que, em princípio”, continua o filósofo alemão, “está à margem desse intercâmbio e é independente dele”. Portanto, a transformação do trabalho em capital, Rosdolsky acrescenta, “só se concretiza no **processo de produção capitalista**” – no **processo mercantil capitalista**. Por isso devemos descrevê-lo, ordena o autor. É o que se coloca a seguir.⁷⁴

O capítulo treze de *Gênese* começa com a distinção entre a **existência imediata do trabalho vivo**⁷⁵ e a sua **existência como atividade real**. Em si, conforme Roman, em sua existência imediata, fora da relação capital e trabalho, isto é, “separado do capital e integrado à corporalidade do trabalhador, o trabalho vivo **só potencialmente é fonte de valor**” (grifo nosso). “Quando conduzido a uma atividade real, pelo contato com o capital, é que o trabalho se torna uma atividade produtiva, **criadora de valores**”, ensina Marx.⁷⁶

O segundo aspecto do processo de produção do capital, tratado no referido capítulo, visto que o capitalista já se encontra “de posse da força de trabalho que, colocada em ação, revelar-se-á criadora de capital, força produtora da riqueza [...] deve ter seu conteúdo definido pelo **consumo de trabalho**”, como diz Roman, ou pela “**relação do capital com o trabalho como valor de uso**” (grifo nosso), segundo Marx⁷⁷ – em suma, a matéria que compõe o capital (meios de produção – algodão (matéria-prima ou objeto de trabalho) e máquina de fiar (instrumento de trabalho), por exemplo) deve ser elaborada ou consumida pelo trabalho vivo (força de trabalho), momento em que o trabalho não objetivado (trabalho vivo) é superado e se objetiva na matéria do capital que, por conta disso, adquire nova forma, a forma de um novo produto (o produto final – o vestido, por exemplo).

Superada a fase do intercâmbio mercantil simples entre capitalista e trabalhador, como seu resultado, continua o autor de *Gênese*, “o capital pôde incorporar o trabalho vivo, **convertendo-o em um elemento seu**, ao lado de seus elementos materiais, os meios de produção, que são trabalho objetivado [produtos de um trabalho precedente, digo eu]”⁷⁸. Doravante, o **capital** passa a ter como componentes não só os

74 Idem, p. 178.

75 Trabalho vivo é trabalho não objetivado, ainda não materializado em um produto.

76 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 179 (Idem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

77 Pois a relação do capital (em seu aspecto material, como trabalho objetivado nos meios de produção) com o trabalho vivo, diz Marx, “[...] só pode ser a relação do trabalho com seu objeto, com sua matéria (Ibidem, p. 179).

78 Roman Rosdolsky aponta, citando Marx, que “na condição de material de trabalho, a substância do capital”, o *trabalho objetivado*, “só pode apresentar-se sob duas determinações: ‘a de *matéria-prima* [objeto de trabalho, digo eu], ou seja, substância inerte, simples material para a atividade do trabalho, o qual lhe imprime uma forma e uma finalidade, e a de *instrumento de trabalho*, meio objetivo que a atividade subjetiva [*trabalho vivo* ou *trabalho não objetivado*, digo eu mais uma vez] interpõe entre si e o objeto” (grifo nosso) (Ibidem, p. 179 e 180). De acordo com Olavo Ximenes, em Marx, enquanto *trabalho vivo* é trabalho como capacidade ou atividade, *trabalho objetivado* é

meios de produção (matéria-prima ou objeto de trabalho e instrumento de trabalho, seu **elemento objetivo**), mas também o **trabalho vivo** (seu **elemento subjetivo**).

O capital, considerado em sua substância, isto é, na condição de trabalho objetivado nos meios de produção, para que possa **conservar-se e multiplicar-se**, “deve ser posto em **movimento** pelo **trabalho não objetivado** [pelo trabalho vivo em sua existência como atividade, na forma de força de trabalho, que está na posse do capitalista, digo eu]” (grifo nosso). E isso “só pode ocorrer no processo de produção, no qual os elementos objetivos do capital, material passivo [os meios de produção, digo eu novamente], são submetidos à atividade criadora do trabalho [seu elemento subjetivo, frisamos]” – este movimento Marx denominou de **processo de trabalho**.

Ainda sobre o assunto, Roman Rosdolsky cita uma passagem d’*O capital*, Livro I: “Ao consumir a matéria-prima [objeto de trabalho, digo eu] e o instrumento de trabalho, o trabalho [trabalho vivo, digo eu mais uma vez] ‘modifica a própria forma; passa da forma de atividade à do ser, da forma de movimento à da objetividade’. Ou seja, ao entrar em atividade e após consumir os meios de produção, o trabalho vivo (trabalho não objetivado) passa a ser trabalho objetivado no produto final.”⁷⁹

Por assim ser, conforme apura Roman, citando Marx, o resultado do processo de trabalho “é o **produto** [final, digo eu], resultado neutro, no qual reaparecem os elementos do capital consumidos na produção (matéria-prima, instrumentos e trabalho)”⁸⁰. Por isso, esse processo deve ser considerado como **consumo produtivo**, ou seja, consumo que não é ‘mero consumo da substância [consumo do trabalho objetivado (matéria-prima, maquinário etc.), digo eu]’⁸¹” (grifo nosso). Continua o autor na companhia do filósofo alemão: na verdade, “Ele [o processo de trabalho, ressaltamos] consome ‘a forma anterior do objeto, para colocá-lo sob nova forma [...]. [Este consumo, digo eu] [...] dá forma ao objeto e materializa a atividade’” no produto final. Como produto final, arremata Marx, temos que “o resultado do processo de produção”⁸² é **valor de uso** [utilidade social do produto saído do processo produtivo rumo ao mercado, digo eu]”.

trabalho materializado em um determinado produto. No tocante ao *trabalho objetivado*, no processo de produção ele aparece “nas figuras de *matéria-prima* [objeto de trabalho, digo eu] e *instrumento de trabalho*” – ou seja, como *meios de produção* –, “que posteriormente serão entendidas como *capital fixo* ou como *capital constante*”, sendo, pois, *componentes materiais do capital* (grifo nosso). Desse modo, “[...] matéria-prima e instrumento de trabalho aparecem [...] como momento do próprio capital”. Logo, “como componentes [...] do capital [...], matéria-prima e instrumento de trabalho”, na condição de trabalho objetivado, “são *produto*” (in XIMENES, Olavo Antunes de Aguiar. **Aproximação à categoria de modo de produção nos Grundrisse (1857-1858) de Karl Marx**. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, 2017. Disponível em <https://1library.org/article/capital-constante-capital-vari%C3%A1vel-modo-produ%C3%A7%C3%A3o-capitalista-capital.qvpn1gdq>. Consultado em 16.08.2022). No item B do presente escrito, trataremos especificamente da parte constante do capital – capital constante ou fixo – e também da sua parte variável (trabalho vivo) – capital variável ou circulante.

79 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 180 (Idem em relação à redação do parágrafo seguinte).

80 “Resultado neutro”, como clarifica Rosdolsky, no sentido de que no produto final “desaparece a diferença entre os fatores subjetivos [trabalho vivo, digo eu] e objetivos [objetos de trabalho e instrumentos de trabalho, digo eu novamente] do processo de produção” (Ibidem, p. 529 Nota 5).

81 Entendido “mero consumo” como aquele que extingue o objeto consumido.

82 Com base no conteúdo do capítulo em comento, combinado com o observado pelo próprio Rosdolsky na ^[Nota 70], quer nos parecer mais adequado entender a expressão “processo de produção” como “processo de trabalho”, uma das peças conceituais do processo de produção como um todo.

Até o momento, a análise de Rosdolsky limitou-se ao **aspecto material do processo de produção**. Não focalizou ainda a determinação formal do capital, que significa “concebê-lo ao mesmo tempo como processo de conservação e multiplicação dos valores [que diz respeito ao processo de valorização, conforme veremos logo mais]”. Assim visto, “trata-se [o aspecto material do processo de produção submetido ao processo de trabalho, digo eu] de um processo de **autoconservação do capital**” (grifo nosso).⁸³

Como afirma Karl Marx, da maneira que se considerou o processo de produção até aqui, focado no processo de trabalho, o capitalista “[...] não desempenha nenhum papel. O trabalho não consome o capitalista como matéria-prima ou instrumento. Tampouco é o capitalista quem realiza esse consumo, mas sim o trabalho”. Em suma, o processo de produção, no que se refere ao aspecto material, noticia o filósofo alemão, ainda “não se apresenta como processo de produção de capital, mas como processo de produção puro e simples”, tal como aparece “em todas as formas de produção”⁸⁴. Sob esse enfoque, não se observa “nenhuma determinação econômica específica” distinta da verificada no processo de produção mercantil simples⁸⁵.

Para Karl Marx, estão equivocados os economistas que ressaltam o aspecto material “para apresentar o capital como elemento indispensável a todo processo de produção. Insistem nisso, naturalmente, porque não levam em conta seu comportamento como capital durante o processo”. Marx prossegue: “No fim do processo não pode surgir nada que não estivesse presente em seu início, como premissa e condição”. Tínhamos, no início do processo de trabalho, meios de produção e trabalho, agora, no término dele, continuamos tendo tudo isso, pois no produto final, como já visto, reaparecem os elementos do capital consumidos na produção – objetos de trabalho (matéria-prima), instrumentos de trabalho (maquinário, instalações físicas etc.) e trabalho. O que ocorreu então? Simplesmente o consumo desses elementos pelo trabalho deu nova forma ao objeto e materializou a atividade do trabalho no produto final; no máximo conservou-se o valor do capital original.⁸⁶

A par do exposto, chegou a hora de examinar o tema por outro ângulo, pelo ângulo da **determinação ou aspecto formal do processo de produção**, que significa desvendar “o **movimento específico do capital**” e “**qualquer determinação de valor**” (grifo nosso) ou, ainda, conceber o capital **ao mesmo tempo como processo de conservação e multiplicação de valores**, o qual, segundo Rosdolsky, o aspecto material “esconde”⁸⁷ – este movimento Marx denominou de **processo de valorização do capital**.

Como vimos preliminarmente no capítulo onze deste Folheto, para Karl Marx, “Do ponto de vista da forma [...] o **capital** não consiste nem em objetos do trabalho nem em trabalho, mas sim em **valores** e, mais precisamente, em **preços**” (grifo em itálico do autor, grifo em negrito nosso). Portanto, o capital não é “coisa” mas “**relação social**”.

83 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 181.

84 Idem, p. 180.

85 Ibidem, p. 181.

86 Ibidem, p. 180 e 181.

87 Ibidem, p. 180.

Uma vez que valores e preços se formam à margem do intercâmbio de mercadorias, especificamente a partir do uso pelo capitalista da força de trabalho, que, por sua vez, consome os objetos de trabalho e instrumentos de trabalho a fim de produzir e reproduzir valor, é a partir da forma desse processo, desse movimento, que o capital se constitui como capital, como valor que se mantém (capital original) e se reproduz (capital multiplicado).⁸⁸

Por assim ser, prossegue o autor d’*O capital*, “o **valor do produto** [final, digo eu] só pode ser igual à **soma dos valores materializados nos elementos objetivos do processo**, [...] igual ao valor da **matéria-prima** mais o valor da parte destruída (ou seja, transmitida ao produto e abolida em sua forma original) do **instrumento de trabalho** [a exemplo do valor da depreciação do maquinário, digo eu] mais o valor do **trabalho** [‘valor da força (ou capacidade) de trabalho’, esclarece Rosdolsky⁸⁹]” (grifo nosso). Assim sendo, complementa Roman Rosdolsky, “O **preço do produto** [que corresponde à expressão do seu valor, recordamos] é igual aos seus **custos de produção**”. Perceba que desse ponto de vista o valor do capital não sofreu alteração, só assumiu “um aspecto físico diferente”, observa Roman. Através da “metamorfose” dos meios de produção pela atividade do trabalho, o capital, só assim e somente por isso, pôde se autoconservar.

Para clarificar o disposto acima, vamos ao exemplo de Marx: “[...]. Se, na origem, o capital era igual a 100 táleres⁹⁰, manteve-se, agora como antes, igual a 100 táleres, embora os 100 táleres, no processo de produção existissem como 50 táleres de algodão, 40 táleres de salário e 10 táleres da máquina de fiar, enquanto existem agora como **fio de algodão** com um **preço** de 100 táleres [“A soma é igual à unidade original”, diz o próprio Marx]”⁹¹. Portanto, esse exemplo nos revela, elucida Rosdolsky, “que durante o processo de produção, o valor original do capital se decompõe em elementos quantitativos que o constituem (valor da força de trabalho, valor da matéria-prima, valor dos instrumentos de trabalho), para reaparecer no produto [fio de algodão, digo eu] como soma de valores”⁹². O único movimento ocorrido, aponta Marx, é que, primeiro, “o valor existe como unidade”, depois “como divisão dessa unidade [...]”, por fim “como soma”⁹³. Além disso, também é possível extrair do exemplo que no produto final, no fio de algodão, está expressado o seu preço, que no caso é o somatório dos valores dos

88 Ibidem, p. 181 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte). Ainda em conformidade com o disposto na obra e página referenciadas, os componentes do capital (objetos de trabalho e instrumentos de trabalho), assinala Roman Rosdolsky, “experimentam modificações materiais durante o processo de trabalho”, ou seja, diz Marx, “a partir da forma do movimento, do processo, eles se combinam novamente, no produto, em uma forma objetiva, imóvel, [...]”; e “isso não diz respeito à sua determinação como valores [...]”. Antes de entrarem no processo produtivo, os meios de produção eram indiferentes ao produto final, embora elementares para o processo de produção. “Agora são o produto” sob a forma do produto final, e não capital.

89 O autor informa que nos *Grundrisse* ainda aparece frequentemente a expressão “valor do trabalho” em vez de “valor da força (ou capacidade) de trabalho” (Ibidem, p. 529 Nota 11).

90 Etimologicamente, “em alemão arcaico *Thal*, hoje grafado *Tal*, significa ‘vale’ e *thaler* quer dizer algo ou alguém ‘do vale’”. Como moeda, o *táler* surgiu em decorrência da adoção da palavra *thaler* como “uma abreviação de ‘Joachimsthaler’, um tipo de moeda de prata cunhada pela primeira vez em 1518 na cidade de *Joachimsthal* (hoje Jáchymov, na República Checa)”, situada em um vale. “O *táler* foi usado na Europa por quase quatrocentos anos” (Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A1ler>. Consultado em 26.08.2022).

91 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 181 e 182.

92 Idem, p. 181.

93 Ibidem, p. 182.

meios de produção e da força de trabalho.

Assim sendo, com base na seguinte frase exposta nos *Grundrisse*, “Dizer que o preço do produto é igual ao preço dos custos de produção significa dizer que o valor do capital é igual ao valor do produto [...]”⁹⁴, o que é também o mesmo que afirmar, pelo menos é assim que entendemos, que, aqui, há apenas uma coincidência na igualdade quantitativa do valor e preço⁹⁵.

Nesta altura, é sabido que é “premissa do modo de produção capitalista” que o capital se conserve e se multiplique. Portanto, prossegue Rosdolsky, citando Marx, “o fato de que o processo material de produção tenha de chegar até o produto final ‘está implícito na [...]’ precondição [‘de’, acrescenta Rosdolsky] que o capital tem de se converter em valor de uso”, isto é, conservar-se e multiplicar-se”⁹⁶.

Na perspectiva analítica do processo de produção apresentada, o capital teria necessariamente que conservar-se antes de multiplicar-se. O que significa levar em conta, assim como ocorre com o trabalhador, o fato de que o capitalista também precisa se alimentar e sobreviver.⁹⁷

Por óbvio, se o capital somente conservasse seu valor original (de 100 táleres, distribuídos entre os meios de produção e trabalho, referindo-nos ao exemplo de Marx), ainda que assumisse a forma superior do produto final (100 táleres de fio algodão), precisando “utilizar partes do capital original para satisfazer suas necessidades pessoais”, seu capital “tenderia a desaparecer”, constata Rosdolsky. Aliado a isso, haveria também os riscos de o capital diminuir ou até mesmo de se perder durante o processo produtivo, além de sofrer desvalorização constante por causa do desenvolvimento das forças produtivas (o que aumenta os custos), cujos impactos devem ser compensados. Por conseguinte, “o capital que só pudesse conservar seu valor não o conservaria”, prescreve Marx.

Depreende-se do abordado, considerando que preço do produto é igual ao preço dos custos de produção, que o capital “deve conservar-se durante as flutuações dos preços”. Ora, dizem os economistas tradicionais segundo Marx, por isso existe o lucro, caso contrário “todos consumiriam o próprio dinheiro, em vez de usá-lo na produção”.

Karl Marx aponta uma confusão por parte desses economistas. Para melhor evidenciá-la faz uma distinção semântica entre “custos **de** produção” e “custos **da** produção” (grifo nosso). Segundo o filósofo, os economistas consideram em seus cálculos o seguinte: “capital original = 100 (por exemplo, matéria-prima = 50, trabalho = 40, instrumentos = 10) + 5% de juros [= 5, digo eu] + 5% de lucro [= 5, digo eu novamente].

94 Ibidem, p. 182. “O valor do capital [100 táleres, digo eu]”, que se dividiu em porções entre os meios de produção e a força de trabalho, “se conservou no ato de produção” como valor. Os elementos do processo de produção, componentes do capital, por sua vez, também se conservaram, porém não “em seu caráter material determinado [como algodão, como máquina de fiar, como força de trabalho, digo eu], mas sim como *valores*” (grifo do autor) (Ibidem, p. 182 c/c 529 Nota 15).

95 Lembramos que para Marx valor é diferente de preço, conforme vimos preliminarmente no Folheto nº 03, [Capítulo 4](#).

96 ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 181.

97 Idem, p. 182 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

Portanto, custos **de** produção = 110, não = 100 [que para Marx é o total dos custos **da** produção, valor que corresponde ao capital original dividido em porções entre a matéria-prima, trabalho e instrumentos, digo eu]. Conclusão: os custos **de** produção são maiores que os custos **da** produção” (grifo nosso).⁹⁸

Temos claro que os custos dos meios de produção e da força de trabalho não são estipulados de forma arbitrária. Vimos objetivamente como se formam. Entretanto, ao observarmos os cálculos dos economistas tradicionais do que Marx chama de custos **de** produção não temos como identificar objetivamente como se formam os valores dos componentes juro e lucro. Como explicar “esse incremento de 10% sobre os custos **da** produção?”, pergunta Rosdolsky (grifo nosso). Karl Marx responde: pela categoria da **mais-valia**, ou **mais-valor**, “valor que supera o equivalente” – valor que supera aquilo que se trocou no intercâmbio simples entre capital e trabalho (salário por força de trabalho), e que, como Rosdolsky acrescenta, “não pode nascer do valor de uso incrementado do produto [do valor de uso social do produto final, digo eu]⁹⁹, nem de transações comerciais [da venda do produto final, digo eu novamente]”.

Comungar com o entendimento daqueles economistas, ensina o autor dos *Grundrisse*, é aceitar “que o valor do capital não se valoriza, não se multiplica” – pois faz parte do custo **de** produção –, é aceitar também “que o capital não é um elemento real do processo produtivo [que produz valor a mais, digo eu], não é uma *relação específica de produção*” (grifo do autor), o que “implica supor condições em que os custos de produção não têm a forma de capital e o capital não é condição da produção”¹⁰⁰.

Em outras palavras: é afirmar, como visto, que capital é apenas uma determinação material da matéria-prima e do instrumento de trabalho e que por isso na relação entre capital e trabalho não há que se falar do trabalho como valor de uso do capital (isto é, do trabalho como atividade que conserva, reproduz e multiplica o valor do capital original)¹⁰¹, bem assim que não há contraposição no processo de produção entre capitalista e trabalhador, pois nesta relação, dizem, só se tem um intercâmbio entre salário e força de trabalho (intercâmbio de equivalentes). Portanto, se assim for, capitalista e trabalhador são “*associés*”, isto é, associados “que aportam elementos diferentes no processo de produção, permutando-os conforme o valor de cada um”, descreve Marx¹⁰².

98 Ibidem, p. 183 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

99 Roman Rosdolsky traz à tona em Nota do capítulo em comento uma consideração importante que Marx faz nos próprios manuscritos *Grundrisse*, referindo-se aos “apologistas do capital”, a exemplo dos economistas tradicionais mencionados no parágrafo em Nota, que para justificar o próprio capital recorrem ao intercâmbio simples do capital e trabalho: “explicam o capital descrevendo um processo que torna sua existência [de fato, digo eu] impossível. Para demonstrá-lo, lançam mão de uma demonstração que evita o problema [o problema que torna impossível a existência do capital como capital, digo eu]. Pagas meu trabalho, o recebes [salário, digo eu] em troca de seu próprio produto [produto do seu próprio trabalho, digo eu], e me deduzes o valor da matéria-prima e do instrumento de trabalho que me facilitaste [isto é, parte dos custos da produção, digo eu]. Portanto, somos *associés* [associados, traduzimos] que aportam elementos diferentes ao processo de produção, permutando-os conforme o valor de cada um. Assim o produto se transforma em dinheiro e o dinheiro se reparte de tal modo que tu, capitalista, recebes o preço correspondente à tua matéria-prima e ao teu instrumento, e eu, trabalhador, o preço que o trabalho lhes acrescentou. Tu saís ganhando, já que agora possuis tua matéria-prima e teu instrumento em uma forma passível de ser consumida (passível de circular) [como produto final, digo eu]. Eu também, pois meu trabalho se valorizou [...]” (Ibidem, p. 530 Nota 21).

100 Ibidem, p. 182 e 183.

101 Ibidem, p. 180.

102 Ibidem, p. 530 Nota 21. Oportuno extrair dessa pequena passagem uma provocação: frequentemente presenciamos

Capta-se dos *Grundrisse* que “o trabalho pode acrescentar **valores de uso**” e também “pode criar **valores** de troca (no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco da mercadoria) **maiores** que os que já existiam [nos objetos de trabalho e nos instrumentos de trabalho consumidos pela atividade do trabalho no processo produtivo, digo eu]” (grifo nosso). Esta última possibilidade somente é entendida se percebermos que o valor (ou valor econômico ou intrínseco) a mais criado **não faz parte dos custos de produção** (somatório do valor dos meios de produção e da força de trabalho), ele corresponde exatamente à **mais-valia**.¹⁰³

Na sempre companhia de Marx, Roman Rosdolsky assinala que “a mais-valia tem origem na diferença entre o **trabalho objetivado no salário** [que corresponde ao elemento subjetivo dos meios de produção, e, por assim ser, faz parte dos custos da produção, digo eu] e o **trabalho vivo** realizado pelo trabalhador”. No intercâmbio entre capital e trabalho, o salário e a força de trabalho objetivada no salário conferem uma equivalência a essa relação. Daí se dizer que o trabalho se objetiva no salário, o qual é destinado à sobrevivência do trabalhador, e que o trabalho vivo continua à disposição do capitalista para multiplicar o capital original, situação esta que ocorre à margem do intercâmbio, como visto.

Continuemos com o autor d’*O capital* em sua aproximação conceitual à categoria da mais-valia. Em uma abordagem inicial da mais-valia, Marx lança mão de duas hipóteses: uma que contempla a **jornada inteira de trabalho** e outra que considera a **meia jornada**. Na hipótese de ser necessária “uma jornada de trabalho para manter o trabalhador vivo durante uma jornada de trabalho”, a jornada completa seria permutada pelo que fosse produzido (o produto do trabalho) durante o período da sua duração, “de modo que o capital não poderia valorizar-se nem, portanto, conservar-se como capital”. No caso, grosso modo, se na jornada inteira o trabalhador produzisse 100 táleres de fio de algodão, ele receberia em salário 100 taléres. Na hipótese, para que pudesse sobreviver, o capitalista teria que ingressar no processo produtivo não como capitalista mas sim com trabalhador, atuando tal qual este último. Se o capitalista, “para viver, também tivesse que trabalhar, não se sustentaria como capital, mais sim como trabalho”. A propriedade dos meios de produção, o fato de ser ele o proprietário dos objetos e instrumentos de trabalho, “seria apenas nominal”. Pois, se o trabalhador recebesse o equivalente ao que foi produzido numa jornada completa de trabalho, os meios de produção consumidos pelo trabalho no processo produtivo, do ponto de vista econômico, “pertenceriam tanto ao trabalhador como ao capitalista, pois se produziria valor para este último na medida em que ele mesmo fosse um trabalhador”. Ou seja, para receber o equivalente em relação aos meios de produção que disponibilizou, o capitalista teria que relacionar-se com eles não como capital, mas como materiais e meios de trabalho, tal como o faz o trabalhador. No

várias tentativas de se difundir a ideia de que empregados de uma empresa não são trabalhadores mas sim “colaboradores”, “parceiros” e que formam, juntos com os proprietários ou executivos, um “time”. Não se tem aí uma patente atualidade do pensamento burguês da época de Marx travestido de um novo capitalismo, de um novo patamar da relação entre capital e trabalho? “Tudo novo de novo”? (parafraseando o título da música do compositor e cantor Paulinho Moska).

103 Ibidem, p. 183 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes).

caso, simplesmente, “**o capital não existiria**” (grifo nosso) – o capital como capital, e, por conseguinte, o capitalista como capitalista.

Porém, na hipótese de se considerar meia jornada de trabalho como “suficiente para manter um trabalhador vivo durante uma jornada inteira”, eis que surge “a **mais-valia do produto**, já que o capitalista paga o preço de meia jornada, enquanto o produto [final, digo eu] conserva, objetivado, o resultado de uma jornada inteira”. Se o capitalista paga ao trabalhador o que equivale à sua subsistência como resultado do que produziu em meia jornada, “pela segunda metade da jornada de trabalho o capitalista não pagou nada [...]. O intercâmbio entre capital e trabalho [...] no que concerne ao trabalhador é um intercâmbio simples, mas no que concerne ao capitalista tem de ser um não intercâmbio [...] [‘O capitalista’ intervém Rosdolsky] tem de receber mais valor do que entregou [sob pena de não atuar como capitalista propriamente dito, como observamos na hipótese anterior, digo eu]”.¹⁰⁴

Da perspectiva do capital, o intercâmbio entre capital e trabalho “é aparente, encobre outra determinação econômica formal, diferente do próprio intercâmbio [externo e independente dele, frisamos]; caso contrário, o capital como capital [como relação social e não como coisa, como produtor de valor em si, digo eu], bem como o trabalho como trabalho, contrapostos um ao outro, não poderiam existir [...]. **Não é o intercâmbio que converte o capitalista em capitalista, mas sim um processo no qual, sem intercâmbio, ele recebe *tempo de trabalho objetivado*, isto é, valor**” (grifo itálico do autor, grifo em negrito nosso).¹⁰⁵

Diferentemente da primeira hipótese, na qual o trabalhador receberia pelo tempo de trabalho objetivado no produto final, situação em que o capital como capital deixaria de existir, na segunda hipótese, onde o trabalhador não recebe pelo tempo de trabalho objetivado no produto final, mas apenas o necessário para sua subsistência, o que é alcançado na primeira metade da jornada de trabalho, encerrando-se, pois, o intercâmbio simples (entrega-se força de trabalho e recebe-se salário), o capitalista, uma vez que cumpriu sua parte do intercâmbio com o pagamento do salário, deve atuar, agora, à margem do intercâmbio, fora e independente dele, para receber valor – valor este que extrai na segunda metade da jornada de trabalho.

No primeiro ato (no intercâmbio simples do capital e trabalho), “o trabalho como tal, existente para si, entra em cena necessariamente como trabalhador”, no segundo ato (que ocorre fora do intercâmbio simples) entra em cena “o capital que existe para si”¹⁰⁶, o capital como capital, e com ele o capitalista. Apenas nesse segundo ato é que se pode falar, ensina Karl Marx, em capitalista. O que se retratou na segunda hipótese, reforça o filósofo, “está posto **na própria relação econômica**”, isto é, na própria “**relação capitalista**”, complementa Rosdolsky (grifo nosso). Nesse sentido, acusa Marx, “Muitos socialistas [‘dos quais [...] deseja diferenciar-se, como comunista científico’,

¹⁰⁴ Ibidem, p. 183 e 184.

¹⁰⁵ Ibidem, p. 184.

¹⁰⁶ Na expressão “existe para si”, Rosdolsky indica a presença de mais um sinal da influência de Hegel em Marx (Ibidem, p. 530 Nota 26).

Roman esclarece] dizem que necessitamos de capital, mas não de capitalistas. Supõem que o capital é uma coisa, não uma relação de produção que, refletida em si, é justamente o capitalista”. O capital, ele prossegue, até “pode ser separado de um capitalista e transferido a outro. Mas, ao perder o capital, ele também perde a qualidade de ser capitalista”. O capital “é perfeitamente separável de tal ou qual capitalista, mas não do capitalista que, como tal, se contrapõe ao trabalhador” (grifo do autor).¹⁰⁷

Assim sendo, os conteúdos dos processos de trabalho e de valorização, dada a utilização da mercadoria força de trabalho face ao consumo dos meios de produção (processo de trabalho) para produzir valor a mais, para criar capital e para produzir riqueza (processo de valorização), nos remete a uma nova forma de produção e circulação de mercadorias, à **forma mercantil capitalista**¹⁰⁸.

B) Criação e conservação do valor no processo de produção (capital variável e capital constante)

No item anterior conhecemos que a parte dos custos de produção¹⁰⁹ das mercadorias “que garante o **incremento do valor**, a **mais-valia**”, é o “**trabalho vivo** trocado diretamente pelo capital” (grifo nosso)¹¹⁰. Com essa afirmação Rosdolsky reconhece o **trabalho como única fonte de valor**, como **criador do valor** (inclusive nossa conclusão pode ser confirmada a partir da pergunta posta por ele mesmo a seguir): “por que se deve considerar o trabalho [vivo, digo eu] como *única fonte de valor*, como *criador do valor* [e garantidor do seu incremento, digo eu novamente]?”, “o que acontece com as outras partes do valor do capital, que representam o trabalho incorporado [objetivado, digo eu] na matéria-prima e nos meios de trabalho [nos meios de produção, digo eu mais uma vez]?” (grifo nosso).¹¹¹

Conforme o exemplo de Rosdolsky, “Quando o capitalista desembolsa um capital de 100 táleres”, sendo 50 táleres de fio de algodão, 10 táleres nos instrumentos de trabalho (fuso de fiar¹¹²) e 40 táleres no pagamento de salários”, cumprindo o trabalhador uma jornada de trabalho completa de 8 horas, “ele espera ‘reproduzir’ todo o seu capital [...]” e ainda obter “um lucro correspondente de 40 táleres”. À vista disso, no final do processo produtivo o dono do capital “deve estar de

107 Ibidem, p. 184. No que tange à possibilidade de o capital se separar de um capitalista e se transferir para outro, conforme a obra e página referenciadas, mesma eventualidade pode ocorrer em relação ao trabalhador, ou seja, o trabalho pode se separar do trabalhador: “o trabalhador individual também pode deixar de ser o ser-para-si do trabalho: pode herdar dinheiro, roubá-lo etc. Mas então deixa de ser trabalhador [o trabalhador que se contrapõe ao capitalista, digo eu]. Como trabalhador, é somente o trabalho que existe para si”.

108 O qual corresponde ao processo comprar para vender, representado pela sequência D_1-M-D_2 .

109 Meios de produção (objetos de trabalho (matéria-prima) e instrumentos (meios) de trabalho)) e trabalho vivo (força de trabalho).

110 Disse Marx em *Teorias da mais-valia* (Livro IV d’*O capital*) sobre a troca entre trabalho vivo e capital: “o que aqui se vende diretamente não é a mercadoria na qual o trabalho se realizou, mas o próprio uso da força de trabalho, ou seja, de fato, o próprio trabalho [capacidade ou atividade de trabalho, digo eu], pois o uso da força de trabalho é sua ação, o trabalho”. Em outras palavras: não se vende aqui o produto final do processo produtivo no qual o trabalho vivo se objetivou, como se trocasse mercadoria por mercadoria (produto final por dinheiro (salário))” (in ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 531 Nota 1).

111 Idem, p. 185 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

112 “Fuso é um utensílio cilíndrico feito de madeira, utilizado para fiação e torção de fibras como lã, linho, cânhamo e algodão em fio” (Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_\(t%C3%Aaxtil\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_(t%C3%Aaxtil)). Consultado em 23.08.2022).

posse de uma mercadoria [um vestido, digo eu] que vale 140 táleres ”.

De acordo com o exposto no item A deste texto, o salário do trabalhador corresponde ao trabalho dispendido em meia jornada, caso contrário, se correspondesse à jornada integral, o salário corresponderia ao valor do produto final resultado do processo produtivo da jornada completa (= 140 táleres, conforme o exemplo em questão), o que deixaria sem sentido falar em capital como capital e, por conseguinte, em capitalista. No exemplo em questão, “[...] A metade de sua jornada [da jornada do trabalhador, digo eu] cria apenas 40 táleres; a outra metade”, mantendo-se tudo mais constante, “cria um valor igual”. O trabalhador não poderia produzir um valor maior que 40 táleres na segunda metade da jornada, pois “dispõe apenas de uma jornada completa, e em uma jornada não pode trabalhar duas”. Desse modo, “cria um produto real [produto final, digo eu] igual a 80 táleres, não a 140”. Ora, se o capitalista investiu 100 táleres no processo de produção, no lugar de lucrar 40 táleres teria um prejuízo de 20 sobre o capital original. Como então o trabalhador pode produzir o resultado de 140 táleres, se, conforme demonstrado, trabalhando uma jornada completa de 8 horas, produz 80 táleres?¹¹³.

A fim de responder as perguntas formuladas, Rosdolsky assenta que se deve distinguir **valor** (ou valor econômico ou intrínseco) de **valor de uso**. Sob a ótica do **processo de trabalho puro e simples**, tomando o mesmo exemplo, para o trabalhador não interessa os valores dos meios de produção (10 táleres de fuso e 50 táleres de fio de algodão) que serão consumidos no processo produtivo. Para ele são apenas fuso e fio de algodão, e não valores (no sentido de valores econômicos ou intrínsecos). O processo de trabalho, diz Marx, “supõe a existência do instrumento [de trabalho – o fuso de fiar, digo eu], que facilita o trabalho, e do material [objeto de trabalho – fio de algodão, digo eu novamente], ao qual o trabalho confere uma nova forma [a forma de vestido, digo eu]”.

Posto que o trabalho “pode criar utilidade no processo de produção” alterando as formas das coisas – algodão é convertido em fio, o fio em pano, o pano cru em pano estampado e este em vestido –, “[...] O processo de produção simples”, ensina Marx, “implica que a etapa posterior de produção conserve a anterior”. Continua o filósofo alemão: “O trabalho **conserva e aumenta o valor de uso existente** [originalmente, a exemplo do algodão, digo eu], convertendo-o em objeto de um novo trabalho [em fio de algodão, digo eu novamente], orientado para a finalidade última [o vestido como produto final, digo eu mais uma vez]”. O trabalho fez com que “o material objetivo” deixasse “para trás uma forma indiferente de existência, passando à condição de objeto trabalhado”. Com isso, os meios de produção são “preservados da inutilidade e da caducidade, convertendo-se em um novo trabalho vivo”. Ao longo do processo, até obter a forma de vestido (produto final), “a substância do algodão se conservou”.¹¹⁴

No decorrer do processo produtivo o algodão foi recebendo uma forma distinta e cada vez mais útil, “mais apropriada ao consumo, até adquirir finalmente a

¹¹³ Lembremos que o objeto de trabalho e o instrumento de trabalho (meios de produção) não criam valor, o valor deles (o trabalho objetivado neles em um processo de produção anterior) são transportados e conservados no presente processo de produção da mercadoria final.

¹¹⁴ ROSDOLSKY, Roman. Op. cit., p. 185 e 186.

forma sob a qual pode ser objeto de consumo [final, digo eu] direto, quando então o consumo do material [matéria-prima algodão, digo eu novamente] e a abolição de sua forma [anterior, digo eu mais uma vez], satisfazem uma necessidade humana”, que no exemplo assumiu a forma do vestido. Neste caso, a **alteração da forma do material é o próprio valor de uso dele**. E isso vale para todos os meios de produção envolvidos no processo de produção do vestido, no caso.¹¹⁵

Portanto, no que se refere ao processo de produção puro e simples, com foco no **valor de uso dos meios de produção**, no que tange à **conservação e ao incremento** desse valor de uso, as perguntas formuladas são respondidas sem dificuldade.

Todavia, observa Rosdolsky, esses meios de produção, além de serem valores de uso, “na condição de **elementos do capital** [...] são, ao mesmo tempo, **valores**, ou seja, **quantidades determinadas de tempo de trabalho** [abstrato, digo eu] **objetivado**. Como tais, **reaparecem no valor do produto** [final, digo eu]” (grifo nosso). Como isso ocorre, veremos agora.

Sabemos que os valores (ou valores econômicos ou intrínsecos, digo eu) dos meios de produção já existem como tais antes do início da produção do produto final. Por isso se diz, pontua Rosdolsky, que “reaparecem no valor do produto”. Na jornada de trabalho para a produção do vestido, por exemplo, o trabalhador não cria o fio de algodão nem o fuso de fiar. Os valores dos meios de produção nesse processo “não se ‘reproduzem’, não se recriam, mas só se conservam ‘na medida em que sua qualidade como valores de uso para o trabalho posterior se conserva, mediante o contato com o trabalho vivo’”¹¹⁶.

Assim sendo, no **processo de trabalho** (no qual os elementos objetivos do capital, material passivo, os meios de produção, são submetidos à atividade criadora do trabalho (seu elemento subjetivo)), “[...] *O que [...] se apresentava como **conservação da qualidade do trabalho precedente** [fio de algodão, digo eu] – e do material no qual ele estava representado [algodão bruto, digo eu novamente] –, no **processo de valorização** (onde se desvenda o movimento específico do capital e qualquer determinação de valor) “se apresenta como **conservação da quantidade de trabalho já objetivado**”* (grifo em itálico do autor, grifo em negrito nosso). Em ambos os casos, “Esta conservação não exige nenhum esforço laborativo [quantitativo, digo eu] adicional do trabalhador”, explica Rosdolsky. “Não é a quantidade, mas sim a qualidade do trabalho vivo que preserva o tempo de trabalho já existente na matéria-prima e nos instrumento de trabalho”, admite o autor de *Gênese*.

Por assim ser, na medida em que os meios de produção, diz Marx, “resultam de um trabalho anterior [...], o produto [final, o vestido, digo eu novamente], além do novo valor acrescentado [o trabalho vivo objetivado no vestido, digo eu mais uma vez], contém também o velho [isto é, o valor velho ou o trabalho anterior objetivado nos meios

115 Idem, p. 186 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

116 “O valor de uso do algodão bruto, e depois seu valor de uso como fio, se conservará ao ser tecido, ao existir como um dos elementos objetivos (junto à máquina de tecelagem) do ato de tecer”, explica Marx (Ibidem, p. 186).

de produção, digo eu]”. O trabalhador “substitui [conservando, acrescentamos] o velho tempo de trabalho [o tempo de trabalho objetivado nos meios de produção, digo eu novamente] através do próprio ato do trabalho [do trabalho vivo na própria jornada de trabalho, digo eu], e não através de um tempo de trabalho especial adicionado”. A substituição referida “ocorre [então, digo eu] pela incorporação do novo [tempo de trabalho, digo eu]; nessa incorporação, o velho [tempo de trabalho, digo eu novamente] se conserva no produto e se transforma em elemento de um novo produto [o vestido, digo eu mais uma vez]”.¹¹⁷

Desse modo, de acordo com o disposto nos *Grundrisse*, Rosdolsky conclui que “não é a quantidade [que corresponde ao trabalho abstrato (o trabalho considerado sob o ponto de vista do gasto de energia humana), digo eu], mas sim a qualidade do trabalho vivo [que equivale ao trabalho concreto, ao trabalho que dá nova forma aos elementos materiais do processo de produção (o trabalho considerado sob o ponto de vista da forma como se gasta a energia), digo eu novamente] que preserva o tempo de trabalho já existente na matéria-prima e no instrumento de trabalho”¹¹⁸.

De acordo com Roman Rosdolsky, citando Marx, “a **capacidade de conservar o valor** [dos meios de produção, digo eu], presente no trabalho, **nada custa ao trabalhador; tampouco ao capitalista**, que a embolsa ‘gratuitamente como **mais-trabalho**’. ‘Mas [o capitalista, digo eu] a obtém gratuitamente [...] porque, como pressuposto [do modo capitalista de produção, digo eu], o material e o instrumento de trabalho já estão sob controle do capitalista’” – o que corresponde ao processo histórico da **separação entre o trabalho e os meios de produção**. Por conta disso, continua Marx,

117 Ibidem, p. 187 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

118 Nessa passagem, Roman Rosdolsky detecta uma divergência nas exposições dos manuscritos *Grundrisse* de 18/1858 e d’*O capital* (Livro I, publicado em 1867), sobre a qual, conforme inferimos da leitura do capítulo em comento, em termos de implicações no mérito da análise marxiana, não percebemos qualquer prejuízo, muito menos Rosdolsky aponta tal ocorrência; tanto é que ele se mantém considerando o disposto no manuscritos de 1857/1858. Vamos à divergência expositiva mencionada. Nos *Grundrisse*, conforme reproduzido no parágrafo em Nota, a conservação do tempo de trabalho objetivado nos meios de produção não se deve à quantidade do tempo de trabalho, “mas sim à sua qualidade de ser trabalho”, que lhes confere várias formas sem nenhum pagamento especial por isso, ou seja, não se paga pela qualidade geral do trabalho, pelo fato de que do trabalho, como trabalho, pode se abstrair “qualquer qualificação especial, qualquer especificação –, pois o capital comprou essa qualidade [capacidade de trabalho, digo eu] no contexto de seu intercâmbio [processo vender para comprar, digo eu novamente] com o trabalhador”. Já no livro *O capital*, Marx considera que a conservação do tempo de trabalho objetivado nos meios de produção tanto se deve à quantidade de tempo de trabalho como também à qualidade de ser trabalho, isto é, tanto deve ao trabalho útil, concreto, que cria valores de uso (o trabalho considerado sob o ponto de vista da *forma como se gasta a energia*) – aspecto qualitativo – quanto ao trabalho humano abstrato que cria valores (o trabalho considerado sob o ponto de vista do *gasto de energia humana*) – aspecto quantitativo. Em sua obra maior, Marx leva em conta “o duplo aspecto dos resultados do trabalho” no mesmo período de tempo. Nesse sentido, esse duplo aspecto dos resultados do trabalho – “a agregação de novo valor ao objeto de trabalho”, valor econômico ou intrínseco de um lado, e “a conservação dos antigos valores no produto”, valores de uso de outro –, “decorre”, complementa Rosdolsky, “do duplo caráter do próprio trabalho: trabalho útil, concreto, que cria valores de uso, e trabalho humano abstrato, que cria valores [valores econômicos ou intrínsecos, digo eu]”. Com isso, segundo Rosdolsky, Karl Marx corrige sua formulação original presente nos *Grundrisse*, conforme exposto na primeira parte do item B deste texto, que o trabalho que conserva o valor dos meios de produção é o trabalho concreto (útil e específico), considerado como processo de fiar (a forma como se gasta a energia humana), e não o abstrato, o dispêndio de força de trabalho humana (o gasto da energia propriamente dito). Na linha adotada nos *Grundrisse*, que ainda não considera a dualidade do resultado do trabalho no mesmo período de tempo do processo de produção do vestido, no caso, para explicar a conservação do valor dos meios de produção não se poderia recorrer ao trabalho abstrato, mas sim ao concreto; porém, para se explicar a criação do valor, por outro lado, se deveria recorrer ao caráter abstrato do trabalho, ao trabalho geral, que se diferencia apenas pelo seu aspecto quantitativo (tempo de trabalho abstrato socialmente necessário) (Ibidem, p. 187 e 188).

“o trabalhador não pode trabalhar se não tiver acesso ao trabalho já existente em forma objetiva [na forma de meios de produção, digo eu], sob controle do capital, [...]” e também “se não conservar o trabalho objetivado nesse material [se destruir os meios de produção, por exemplo, ou, o que dá no mesmo, se não conservar o valor (ou valor econômico ou intrínseco) dos meios de produção, digo eu]”.¹¹⁹

Portanto, conforme prescreve o filósofo alemão, a “força natural vivificante do trabalho”, além de conservar não apenas, “sob esta ou aquela forma”, a matéria e o instrumento que utiliza, “conserva também o trabalho objetivado neles seu valor de troca [no sentido de ‘valor’ ou valor econômico ou intrínseco, digo eu]”. Como os meios de produção pertencem ao capitalista, essa força “[...] pertence ao capital, e não ao trabalho [...]”. Em função do processo histórico da separação entre o trabalho e os meios de produção, como força viva de trabalho o “capital não paga por ela, assim como não se paga ao trabalhador porque este sabe pensar etc.”. A condição de a força de trabalho como “dom natural” atuante beneficiar apenas o capitalista já está posta “na relação entre o capital e o trabalho, que é, em si, **mais-valia de um e salário de outro**”.

Karl Marx prossegue. Apesar da relação entre capital e trabalho assalariado pressupor e basear-se na **separação entre trabalho e meios de produção**, no processo de produção capitalista essa **separação fica suspensa** e o capitalista “não paga nada” para suspendê-la. “[...]. Se o capital devesse pagar por ela, no mesmo instante deixaria de ser capital”. Admitindo-se esse pagamento, os meios de produção estariam sendo reconhecidos como de propriedade do trabalhador, tendo, por isso, legitimamente, que ser comprados de seu proprietário, fazendo com que a existência do capital e do trabalho assalariado, que se baseia nessa separação, e suas categorias, entre elas a mais-valia, deixassem de existir. Não haveria que se falar em capital como capital, e, consequentemente em capitalista.

Entretanto, se no processo produtivo capitalista a separação entre o trabalho e os meios de produção é **imperiosa enquanto pressuposto**, também a sua **suspensão é obrigatória como exigência do processo de produção capitalista**, pois, segundo Rosdolsky, “o fator subjetivo do processo de produção, a força de trabalho, é fonte de novo valor”, visto que “sua atividade”, continua Roman, agora citando Marx, “é a ‘objetivação de tempo de trabalho novo em um valor de uso [no valor de uso dos meios de produção, digo eu]’”. Aqui Rosdolsky entende ser necessário fazer uma distinção em relação a esse trabalho novo, dividindo-o em **trabalho necessário** e **mais-trabalho**.

Assinala Roman Rosdolsky citando Marx: “Enquanto produz apenas um equivalente ao valor de sua própria força de trabalho”, adquirida pelo capitalista no intercâmbio simples de mercadoria em troca de salário, “o trabalhador ‘só repõe o dinheiro adiantado [salário, digo eu] pelo capitalista (que comprou a força de trabalho) e gasto em meios de subsistência [processo vender para comprar, ciclo M_1-D-M_2 , digo eu] pelo próprio trabalhador’”. Em relação ao salário pago, “esta parte do novo valor criado aparece ‘apenas como reprodução’. Aqui estamos diante do **trabalho necessário** – o

119 Ibidem, p. 188 (Ibidem em relação à redação dos três parágrafos seguintes).

trabalho trocado por salário com vistas à subsistência do próprio trabalhador.¹²⁰

Como mencionado, o trabalho novo não só reproduz o valor adiantado pelo capitalista ao trabalhador mas, e principalmente, precisa criar e cria valor a mais. Esta outra parte do novo valor criado, por sua vez, também fruto do trabalho novo, “não é reprodução, mas *agregação de valor, criação de um valor a mais*” (grifo do autor), define Marx. Aqui o autor d’*O capital* está se referindo ao **mais-trabalho**. Mais-trabalho este que, ao criar valor a mais, conclui Rosdolsky, “constitui uma categoria fundamentalmente diferente, e só ela confere sentido à produção capitalista”, a categoria da **mais valia**.¹²¹

O fator subjetivo do processo de produção, a força de trabalho, arremata Roman, “[...] É o único elemento da produção que experimenta uma modificação de valor no processo de valorização”, além de também reproduzir o próprio valor (trabalho em troca de salário) – “não só reproduz o próprio valor, mas também agrega, ao produto, um novo valor”. Assim, Roman Rosdolsky chega aos conceitos de **capital constante** e **capital variável**, “que correspondem às diferentes funções dos meios de produção e da força de trabalho no processo de valorização”.

“*Os mesmos componentes do capital*”, meios de produção e força de trabalho, “que *do ponto de vista do processo de trabalho* se distinguem como fatores objetivos e subjetivos”, respectivamente, “diferenciam-se, *do ponto de vista do processo de valorização*, como *capital constante* [meios de produção, digo eu] e *capital variável* [força de trabalho, digo eu novamente]” (grifo em itálico do autor).¹²²

Nessa linha, Marx diferencia “**trabalho que conserva valor**”, o **capital constante**, do “**trabalho que cria valor**”, o **capital variável** (grifo nosso). Com essa construção teórica, Karl Marx, segundo Rosdolsky, “sepultou as teorias apologéticas burguesas que pretendem identificar a origem do lucro nos ‘serviços produtivos [“que”, intervém Rosdolsky] os meios de produção prestam [...] em virtude de seus valores de uso no processo de trabalho [sua utilidade para produção do produto final, digo eu]’”. Com esse entendimento os capitalistas pressupõem que os valores de uso dos meios de produção no processo de trabalho também criam valor. No exemplo de Marx reproduzido em *Gênese*, considerando o capital original de 100 táleres, distribuídos entre dada quantidade de algodão (50 táleres), de salário do trabalhador (40 táleres) e de instrumentos de trabalho (10 táleres), para que o capitalista individual tivesse o lucro esperado de 10% sobre seus custos de produção, o processo de trabalho teria que criar 55 táleres de algodão, 11 de instrumentos de trabalho e 44 de salário, perfazendo o total de 110 táleres de custo de produção total.¹²³

Ora, se os valores dos meios de produção não sofrem acréscimos no processo de produção e o salário do trabalhador corresponde ao que produziu em parte da jornada de trabalho, não há que se considerar os novos valores de 55, 11 e 44 táleres, respectivamente, atribuídos aos meios de produção e ao trabalho necessário. Os 10 táleres

120 Ibidem, p. 188 e 189.

121 Ibidem, p. 189 (Ibidem em relação à redação do parágrafo seguinte).

122 Trata-se de uma passagem do Livro I d’*O capital* trazida por Rosdolsky (Ibidem, p. 532 Nota 25).

123 Ibidem, p. 189.

acrescidos ao capital original adveio da segunda parte da jornada de trabalho, do trabalho a mais realizado. Assim, o “excedente de 10 táleres constitui todo o lucro do capitalista”, conclui Rosdolsky.¹²⁴

Finalizando seu comentário acerca da criação e conservação do valor no processo de produção (capital variável e capital constante) presente nos *Grundrisse*, Roman Rosdolsky conclui, com Marx, que a “ilusão” de que o lucro do capitalista é produzido “uniformemente em todas as partes do capital [meios de produção (objeto de trabalho e instrumentos de trabalho), e trabalho, digo eu] [...], baseia-se, de um lado, no desconhecimento do papel dos meios de produção no processo de valorização, e, de outro, na confusão entre taxa de mais-valia e taxa de lucro (que é calculada sobre o capital total)”, sobre as quais Roman tratou no Capítulo 25 de *Gênese*, como veremos no momento adequado. Não obstante, Rosdolsky adianta-se e replica no capítulo quatorze em comento uma pequena frase de Marx em torno dessa “confusão”: “Ora, a taxa de lucro não expressa, de modo algum, a taxa ‘em que o trabalho vivo incrementa o trabalho objetivado [nos meios de produção, digo eu], pois este incremento é simplesmente igual ao tempo que ele trabalhou mais do que teria de trabalhar para produzir seu salário’”¹²⁵.

Por isso, diz Roman, “só se pode averiguar corretamente o grau desse incremento a partir da relação entre o novo valor produzido e a parte variável do capital [o trabalho que cria valor, digo eu]”.

124 Ibidem, p. 190 (Ibidem em relação à redação dos dois parágrafos seguintes). Diz Karl Marx conforme obra e página referenciadas: “Todo o trabalho objetivado produzido pelo trabalhador, é de 50 táleres [40 relativos ao trabalho necessário (salário), e 10 referentes ao mais-trabalho, digo eu]. Sejam quais forem os custos dos instrumentos e da matéria-prima, o trabalhador não pode agregar mais, já que seu dia não pode resultar em mais trabalho objetivado [...]”. Por óbvio, nesta etapa da investigação relativa ao processo de conservação e valorização do capital, Marx não considera eventual aumento da produtividade. Esse elemento ingressará em sua investigação mais à frente.

125 Prosseguindo com Roman Rosdolsky: se o trabalhador não fosse trabalhador do capitalista, “[...], não seria obrigado, naturalmente, a realizar mais-trabalho”. Só realizaria o trabalho necessário (relativo a uma parte da jornada inteira) para garantir os meios de sua subsistência. Porém, se trabalhasse, nessa mesma condição, o dia inteiro, já que dispõe de material e instrumento de trabalho, não consideraria o valor a mais criado como lucro, como uma porcentagem do dinheiro inicial empregado no processo produtivo. Para o trabalhador, esse valor a mais significaria simplesmente um incremento sobre o valor que produziu na meia jornada de trabalho, já que poderia comprar uma quantidade a mais de meios de subsistência, na proporção do valor incrementado. Importando para ele somente o valor de uso dos meios de subsistência e nada mais. Não se interessaria, como o capitalista, em reproduzir e multiplicar valor (processo comprar para vender, ciclo D_1-M-D_2 , circulação mercantil capitalista) (Ibidem, p. 533 Nota 33).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS – Instituto de Economia. **Manual de Economia Política**. Capítulo II - Modos de produção pré-capitalistas. Nascimento da Formação Capitalista nas Entradas do Regime Feudal. O Papel do Capital Comercial. Rio de Janeiro-RJ: Editorial Vitória Ltda, 1961. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ostrovitianov/1959/manual/02.htm#i12c2>.
- ACOSTA, Emerson Trindade e RUPPENTHAL, Melani. **Uberização do trabalho**. Porto Alegre- RS: Jornal da Universidade (UFRGS), Edição 225, 2019. Disponível em <https://www.ufrgs.br/jornal/uberizacao-do-trabalho/>.
- ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. **Darimon, bancos e crédito: Notas sobre os Grundrisse e a transição para o socialismo**. Belo Horizonte-MG: Texto para discussão nº 353. Cedeplar/UFMG. 2009. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20353.pdf>.
- ALVES, Álvaro Marcel. **O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade**. Revista de Psicologia da UNESP 9(1), 2010. Disponível em <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/download/422/400>.
- ALVES, Giovanni. **A condição de proletariado na modernidade salarial – Por uma analítica existencial do proletariado**. São Paulo-SP: Revista Pegada – vol. 9 n.2 1, 2008. Disponível em <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/1672>.
- ANTUNES, Jadir. **A dialética do valor em O capital de Karl Marx**. Disponível em <https://www.fevistasletronicas.pucrs.br/2019/02/fojs/index.php/2019/02/fintuitio/2019/02/farticle/2019/02/fdownload/2019/02/f9664%2F8478%2F&usg=AOvVaw051UXferYxYQBfqZb->.
- ANTUNES, Ricardo. **200 anos de Engels – A constituição do proletariado e sua práxis revolucionária**(vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://youtu.be/YyJBHqnxRM0>.
- ARCARY, Valério. **Seria o marxismo um cientificismo economicista? Anotações sobre a hipótese da inversão das causalidades**. Edição v. 8, nº1, 2004. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/38029>.
- ARRUDA, Marcos. **Nota sobre a polêmica em torno da democracia e da ditadura do proletariado**. Disponível em <https://www.tni.org/es/art%C3%ADculo/nota-sobre-a-polemica-em-torno-da-democracia-e-da-ditadura-do-proletariado>.
- AUGUSTO, André Guimarães. **Marx e as “robinsonadas” da Economia Política**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/neco/v26n1/1980-5381-neco-26-01-00301.pdf.a>
- BAKALARCZYK, Charles. **Existo, logo penso! (ou se Marx foi um filósofo)**. Disponível em <https://charlesbaka.blog/2020/04/16/existo-logo-penso-ou-se-marx-foi-um-filosofo/>.
- BARROS, Cesar Mangolin de. **O conceito de modo de produção**. Disponível em https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/934137/mod_resource/content/1/elementos%20b%C3%A1sicos0_MODO_DE_PRODU%C3%87%C3%83O.pdf.
- BARSOTTI, Paulo. **Dossiê artigos do jornalista Karl Marx sobre a crise de 1857-1858**. Disponível em <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/10-barsotti.pdf>.
- BATISTA, Paulo Cabaça. **O Socialismo de Pierre-Joseph Proudhon e a sua influência em Oliveira Martins e Antero de Quental**. Disponível em <https://cabacabaptista.blogspot.com/2012/12/o-socialismo-de-pierre-joseph-proudhon.html>.
- BEZERRA, Juliana. **Marxismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/marxismo/>.
- _____. **Fases do Capitalismo**. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/fases-do-capitalismo/>.
- BIANCHI, Álvaro. **Uma teoria marxista do político? O debate Bobbio “Trent’Anni Doppo**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ln/n70/a04n70.pdf>.
- BUONICORE, Augusto César. **Assalariados urbanos: proletariado ou nova classe média?** São Paulo-SP: Revista Princípio, Edição 54, 2002. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/64/cat/1273/assalariados-urbanos-proletariado-ou-nova-classe-média-.html>.
- CABRAL, João Francisco P. **Sobre o Estado - Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/sobre-estado-filosofia-direito-hegel.htm>.

CANAL TV BOITEMPO. **Uma biografia marxista de Marx** (entrevista com o professor marxista José Paulo Netto). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZreLdC4hkLI>.

CANON, Ramsin. **O que significa ser marxista hoje?** Revista Jacobin Brasil, 2019. Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/10/o-que-significa-ser-marxista-hoje/>.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **A importância da categoria valor de uso na teoria de Marx**. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/rpe/article/view%20File/11757/8478>.

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Sobre Gênese e estrutura de "O capital" de Karl Marx, de Roman Rosdolsky**. Disponível em <https://pt.calameo.com/read/00014074925811e4f526d>.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central da dialética marxista**. Revista Outubro, nº 15, 2007, disponível em <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-15-Artigo-06.pdf>.

CASTRO, Ramon Peña de. **Trabalho abstrato e trabalho concreto**. Disponível em <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/traabstracon.html>.

CERQUEIRA, Hugo Eduardo da Gama. **David Riazanov e a Edição das Obras de Marx e Engels**. Disponível em http://www.anpec.org.br/revista/vol11/vol11n1p199_215.pdf.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. **Resenha da obra de Karl Marx "A burguesia e a contrarrevolução"**. Disponível em <https://www.redalyc.org/pdf/3373/337349577010.pdf>.

COHEN, Gerald A. **Forças produtivas e relações de produção**. Campinas-SP: Crítica Marxista, Unicamp, 2010, p.65. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie46Dossie2.pdf.

CURADO, Adriano. **Capitalismo Industrial – o que é, história, conceitos básicos e características**. Disponível em <https://conhecimentocientifico.r7.com/capitalismo-industrial/>.

DA SILVA, Jefferson Luiz Schafranski. **O conceito de alienação em Ludwig Feuerbach**. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000220150>.

DENVIR, Daniel. **Por que O Capital de Marx ainda importa** (entrevista com David Harvey). Disponível em <https://movimentorevista.com.br/2018/11/por-que-o-capital-de-marx-ainda-importa/>.

DIEHL, Diego. **Marx além de Hegel – Uma interpretação a partir da Filosofia da Libertação**. Rio de Janeiro – RJ: Rev. Direito Práx., vol.9 no.3, 2018. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-89662018000301812&script=sci_abstract&tlng=pt.

DONÁRIO, Arlindo Alegre, e SANTOS, Ricardo Borges dos. **A Teoria de Karl Marx**. Universidade Autónoma de Lisboa. CARS – Centro de Análise Económica de Regulação social. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wxy7wUNt5F0J:https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/3173/1/MARX.pdf+&cd=24&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-d>.

DOWBOR, Ladislau. **O que é capital**. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B8FTIPd5X-jmOGNhMjhmMmYtMDBhNS00ODNiLTk3MGEtZmE0Y2Y5YWwNTY1/view?hl=pt_PT.

DUAYER, Mário. **Grundrisse| Aula 6| III Curso Livre Marx-Engels**. Videoaula. TV Boitempo Editorial, Sindicato dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região e Centro de Pesquisas 28 de Agosto. São Paulo-SP. 2012. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jmrnEoaq70>.

_____. **Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho**. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/3880/2723>.

DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx: Um comentário aos Grundrisse**. São Paulo-SP: Editora Expressão Popular, 2012, p. 67. Disponível em https://enriquedussel.com/txt/Textos_Libros/37.A_Producao_Teorica_Marx.pdf.

ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring. Parte II - Economia Política Capítulo VII - Capital e Mais-Valia**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1877/antiduhring/cap21.htm>.

_____. **Carta para Joseph Bloch**. Disponível em http://www.scientific-socialism.de/Fundamentos_Cartas_Marx_Engels210990.htm#ftnref2.

_____. **Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1880/socialismo/cap03.htm>.

FIORI, José Luís. **O capitalismo americano**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-capitalismo-americano/26661>.

FONTES, Virgínia; COUTINHO, Carlos Nelson e NETTO, José Paulo. **Palestra Introdução à leitura dos Grundrisse** (vídeo). Editora UERJ, Rio de Janeiro-RJ, 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Xhds6tHvb08>.

_____. **200 anos de Engels – A criação do Marxismo** (vídeo). TV Boitempo Editora Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ELW99uIWxvo>.

FRAZÃO, Diva. **Karl Marx, filósofo e revolucionário**. Disponível em https://www.ebiografia.com/karl_marx/.

GEORGE, Ricardo. **Estado e Sociedade Civil em Hegel**. Disponível em <https://pt.slideshare.net/ricardogeo11/estado-e-sociedade-civil-em-hegel>.

GOIS, Juliana Carla da Silva. **A Gênese da pauperização da classe trabalhadora na sociedade capitalista**. Disponível em https://seminarioservicosocial.paginas.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250_3.pdf.

GOMES, Carlos. **Antecedentes do capitalismo**. Disponível em <https://www.eumed.net/libros-gratis/2008a/372/CIRCULACAO%20DE%20CAPITAL.htm>.

GRESPLAN, Jorge e DUAYER, Mário. **Grundrisse, de Marx**. Videoaula. TV Boitempo Editorial e parceiros. São Paulo-SP, 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LlcqIOmc_ks&t=6s.

HAMRAOUI, Eric. **Trabalho vivo, subjetividade e cooperação: aspectos filosóficos e institucionais**. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172014000100006.

HARVEY, David. **Para entender O capital, Livro I**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2013.

_____. **Para entender O capital, Livro II e III**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.

HEINRICH, Michael. **Crítica ao filme “O Jovem Karl Marx”**. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2018/01/18/verdades-e-mitos-sobre-o-filme-o-jovem-karl-marx-de-raoul-peck/>.

HORTA, Fernando. **VII – O internacionalismo**. Disponível em <https://www.sul21.com.br/revolucao-russa-100-anos/2017/04/vii-o-internacionalismo/>.

HUNT, Tristram. **Comunista de Casaca: a vida revolucionária de F. Engels**. Rio de Janeiro- RJ: Editora Record, 2010.

ILIENKOV, Evald Vasilievich. **A Dialética do Abstrato e do Concreto em O Capital de Karl Marx. Capítulo 1. A Concepção Dialética e Metafísica do Concreto**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/ilyenkov/1960/dialetica/01.htm>.

JAPPE, Anselm. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx (comentário sobre o livro de Roman Rosdolsky)**. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/genese-e-estrutura-de-o-capital-de-karl-marx/>.

JOFFILY, Bernardo. **O socialismo é inevitável (!?!)**. São Paulo: Revista Princípio. Ed. Nº 51, 1998. Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/51/cat/1491/o-socialismo-%C3%A9-inevitável-!-.html>.

LAPIDUS, I. e OSTROVITIANOV, K. V. **Conceitos Fundamentais de O Capital. Manual de Economia Política**. Livro primeiro: O Valor Regulador do Regime de Produção de Mercadorias Capítulo I - O trabalho, base do valor Capítulo I, Item 6. Trabalho concreto e trabalho abstracto e Item 7. Trabalho individual e trabalho socialmente necessário. Moscou: 1929. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/lapidus/1929/manual/index.htm>.

LARA, Fernando Maccari. **Mercadoria e forma do valor: notas sobre o dinheiro em Marx**. Revista Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 270-289, 2001. Disponível em <https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/2010/2391>.

LIMA, Marcos Costa. **A Crise Financeira de Setembro de 2008 é também uma crise de Paradigma**. Disponível em http://www.centrocelsofurtado.org.br/arquivos/image/201108311552140.MC_LIMA1.pdf.

MACHADO, Gustavo. **Marx e a impossibilidade de reformar a sociedade capitalista**. Disponível em <https://teoriaerevolucao.pstu.org.br/marx-e-a-impossibilidade-de-reformar-a-sociedade-capitalista/>.

_____. **Rosdolsky: Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx**. (vídeo). Série Sugerindo Livros. Canal Orientação Marxista. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QGvNePeLIYQ>.

_____. **Sobre a possibilidade de uma revolução russa nos escritos de Marx**. Revista Verinotio, v. 23 n. 1, 2017. Disponível em <http://www.verinotio.org/sistema/index.php/verinotio/article/view/313/301>.

- MARX, Karl Heinrich. **As lutas de classes na França**. Disponível em <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/as-lutas-de-classes-na-franca.pdf>.
- _____. **Contribuição crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1844/critica/introducao.htm>.
- _____. **Grundrisse**. Rio de Janeiro-RJ: Boitempo Editorial, 2011.
- _____. e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo-SP: Editora Martin Claret, Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2000.
- _____. **O capital: crítica da economia política. Livro I – O processo de produção do capital**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2ª. Edição, 2017.
- _____. **O capital: crítica da economia política. Livro II – O processo de circulação do capital**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2014.
- _____. **O capital: crítica da economia política. Livro III – O processo global da produção capitalista**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2017.
- _____. **O capital: crítica da economia política. Livro IV. Teorias da mais-valia: História crítica do pensamento econômico**. Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil S/A, 2ª. Edição, Volume I, 1987.
- _____. **Para a Crítica da Economia Política**. São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.
- _____. **Reflexões de um jovem sobre a escolha de uma profissão**. Disponível em <https://www.docdroid.net/WSkQhrZ/reflexoes-de-um-jovem-sobre-a-escolha-de-uma-profissao-pdf>.
- _____. **Teses sobre Feuerbach**. HTML por Jorn Andersen para Marxists' Internet Archive, 25.7.00. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>.
- MAYER, Gustav. **Friedrich Engels: Uma biografia**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, 2020.
- MEHRING, Franz. **Karl Marx. A História de Sua Vida**. São Paulo-SP. Editora José Luís e Rosa Sundermann, 2013.
- MIGLIOLI, Jorge. **Dominação burguesa nas sociedades modernas**. Crítica Marxista. Campinas-SP. Unicamp. 2010. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo205Artigo1.pdf.
- MIRANDA, Marloren Lopes. **Filosofia, Saber Absoluto e Ciência: da Fenomenologia do Espírito à Ciência da Lógica**. Disponível em <https://opiniaofilosofica.org/index.php/opiniaofilosofica/article/view/546/490>.
- MOURA, Alessandro de. **A ruptura de Marx com Hegel: Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Disponível em <https://www.esquerdadiario.com.br/A-ruptura-de-Marx-com-Hegel-Critica-da-filosofia-do-direito-de-Hegel>.
- MUSTO, Marcello. **O Encontro de Marx com a Economia Política**. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-Encontro-de-Marx-com-a-Economia-Politica/4/40043>.
- NASCIMENTO, Adriano. **Bobbio e a teoria marxista do Estado**. Disponível em <http://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1929>.
- NETTO, José Paulo e BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. Capítulo 3 – Produção de mercadorias e modo de produção. Itens 3.1.-3.2.-3.5. São Paulo-SP: Cortez Editora, Volume 1, 2021. Disponível em <https://zoboko.com/text/y530je2v/economia-politica-uma-introducao-critica/1>.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao método da teoria social**. Disponível em <https://www.pcb.org.br/portal/docs/int-metodo-teoria-social.html>.
- _____. **Introdução ao método de Marx (primeira parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2WndNoqRiq8&t=7s>.
- _____. **Introdução ao método de Marx (segunda parte)**. Videoaula. Pós-graduação em Serviço Social, Universidade de Brasília (UnB), 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Dl3Yocu-1oI>.
- _____. **Karl Marx. Uma biografia**. São Paulo-SP: Boitempo Editorial, E-Book, 2020. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=22gHEAAAQBAJ&pg=PT428&dq=b%C3%B4nus-hora+de+darimon&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwi13fXEuKTvAhWOILkGHcxnAcoQuwUwAXoECAIQBw#v=onepage&q=b%C3%B4nus-hora%20de%20darimon&f=false>.

_____. **Marx: dialética para principiantes.** Dia M 2022. Canal TV Boitempo Editorial. Disponível em <https://youtu.be/ywZQnMnGejk>.

_____. **200 anos de Engels –A relevância e atualidade do pensamento de Engels** (vídeo). TV Boitempo Editora – Rio de Janeiro (RJ), 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=joSyGnijlHg>.

OLIVEIRA, Pedro de. **Karl Marx e seus artigos para o New York Daily Tribune.** Disponível em <http://revistaprincipios.com.br/artigos/152/internacional/3259/karl-marx-e-seus-artigos-para-o-new-york-daily-tribune.html>.

OLIVEIRA JÚNIOR, José Ribamar dos Santos. **O conflito: Marx e o materialismo contemplativo.** Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4695/3829>.

PAULANI, Leda Maria. **O dinheiro e o capital portador de juros em Marx.** Videoaula. Canal Coletivo Arroz Feijão e Economia. Disponível em https://youtu.be/kx0_JwZs5gs.

_____. **Teoria do Valor. Curso O capital de Marx. Curso Livre Marx e Engels.** Videoaula 2. TV Boitempo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=T9x0gFHuON4&t=1221s>.

PECK, Raoul. **O jovem Karl Marx** (filme). Disponível em <https://youtu.be/IX2TDt7kiCM>.

PESSOA, Gisele. **Conceito de pessoa: na trajetória filosófica e jurídica** (Artigo). Disponível em <https://jus.com.br/artigos/47003/conceito-de-pessoa-na-trajetoria-filosofia-e-juridica>.

PETERSON, John. **Zinoviev e a degeneração stalinista da Comintern.** Disponível em <https://www.marxismo.org.br/zinoviev-e-a-degeneracao-stalinista-da-comintern/>.

PETO, Lucas Carvalho e VERÍSSIMO, Danilo Saretta. **Natureza e processo de trabalho em Marx.** Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822018000100248#:~:text=Logo%2C%20pode%2Dse%20afirmar%20que,se%20incorporou%20a%20seu%20objeto.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **O materialismo histórico-dialético e a Educação.** Interface - Comunicação, Saúde, Educação. UNESP, v. 1, n. 1, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/11449/30353>.

PIRES, Rogério Brittes W.. **Fetichismo religioso, fetichismo da mercadoria, fetichismo sexual: transposições e conexões.** Revista de Antropologia. São Paulo-SP, 2014, v. 57, nº 01. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/87763/90692/0>.

QUINTEIRO, Thiago. **A consciência em Hegel, a pós-modernidade e a esquerda alienante.** Disponível em <https://www.pocosja.com.br/2019/07/19/a-consciencia-em-hegel-a-pos-modernidade-e-a-esquerda-alienante/>.

RAMOS, Ary. **O Estado está se transformando em orientador da precarização do trabalho.** Entrevista com Ludmilla Costhek Abílio. Disponível em <https://www.aryramos.pro.br/o-estado-esta-se-transformando-em-orientador-da-precarizacao-do-trabalho-entrevista-com-ludmilla-costhek-abilio/>.

REDYSON, Deyve. **Ludwig Feuerbach e o Jovem Marx: A Religião e o Materialismo Antropológico Dialético.** Disponível em <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/view/18979>. Fortaleza-CE: Argumentos. Revista de Filosofia, 2011.

RIEDEL, Manfred. **Dialética nas instituições. Sobre a estrutura histórica e sistemática da filosofia do direito de Hegel** (tradução de Selvino José Assmann). Disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/dialetica_hegel.pdf.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx.** Rio de Janeiro-RJ: Contraponto Editora. 2011.

ROSSI, Rafael. **Teses ad Feuerbach e a educação.** Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732019000200085.

SAES, Flávio Azevedo Marques e SAES, Alexandre Macchione. **História Econômica Geral.** Item 3.3. São Paulo-SP: Editora Saraiva, 2013.

SANTIAGO, Emerson. **O Capital.** Disponível em <https://www.infoescola.com/livros/o-capital/>.

_____. **Socialismo Científico.** Disponível em <https://www.infoescola.com/politica/socialismo-cientifico/>.

SANTOS, Roberval de Jesus Leone dos. **Marx, Proudhon e Darimon: diálogos sobre o dinheiro.** São Paulo-SP: Boitempo Editorial, Revista Crítica Marxista, 2001. Disponível em https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/03rober.pdf.

SARTORI, Vitor Bartoletti. **De Hegel a Marx: da inflexão ontológica à antítese direta**. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200014.

SECCO, Lincoln. **Quem tem medo de Karl Marx?** Disponível em <https://jacobin.com.br/2019/11/quem-tem-medo-de-karl-marx/>.

SEGAL, L. **O Desenvolvimento Econômico da Sociedade**. Introdução ao Estudo do Marxismo. Rio de Janeiro-RJ: Editora Calvino Ltda. 1945. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/estudo/segal/04.htm>.

SIQUEIRA, Juliano. **Ludwig Feuerbach e o materialismo antropológico (ou o crepúsculo da antropologia filosofia)**. Rio de Janeiro-RJ: Jornal Inverta, Edição 492, 2017. Disponível em <https://inverta.org/jornal/@@search?SearchableText=Ludwig+Feuerbach+e+o+materialismo+a+antropol%C3%B3gico>.

SITE ALGO SOBRE. **Materialismo**. Disponível em <https://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/materialismo.html>.

SITE CONCEITOS. **Apropriação**. Disponível em <https://conceitos.com/apropriacao/>.

SITE DICIONÁRIO DE FILOSOFIA. **Alienação**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/aliena%C3%A7%C3%A3o>.

_____. **Matéria**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/mat%C3%A9ria>.

_____. **Substância**. Disponível em <https://sites.google.com/view/sbgdicionariodefiosofia/subst%C3%A2ncia>.

SITE DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Capital**. Disponível em <https://www.dicionarioetimologico.com.br/capital/>.

SITE DICIONÁRIO LIVRE. **Capitalismo. Etimologia**. Disponível em <https://pt.wiktionary.org/wiki/capitalismo#Etimologia>.

SITE DIPLOMATIQUE BRASIL. **Guilhotina#97 – José Paulo Netto** (áudio – podcast de entrevista com o professor José Paulo Netto). Disponível em <https://diplomatie.org.br/guilhotina-97-jose-paulo-netto/>.

SITE DM. JORNAL. **Marx e Freud o encontro possível**. Disponível em <https://www.dm.jor.br/entretenimento/2018/06/marx-e-freud-o-encontro-possivel/>.

SITE ESCOLA do PC do B. **Fichamento de “Introdução (à crítica da economia política)”**. Disponível em http://www.escolapcdob.org.br/file.php/1/materiais/pagina_inicial/Cadernos_Formacao/11_CF_IntrodCrit_FICHA.pdf.

SITE FC UNESP. **Axiomático**. Disponível em <http://www.fc.unesp.br/~mauri/Geo/axiomatico.pdf>.

SITE FILOSOFIA. **História**. Disponível em http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id=108.

SITE GAZ.WIKI. **Teorizando o valor dos produtos de trabalho**. Disponível em https://gaz.wiki/wiki/pt/Law_of_value.

SITE INFOPEDIA. **Consciência**. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$consciencia-filosofia](https://www.infopedia.pt/$consciencia-filosofia).

_____. **Materialismo**. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$materialismo](https://www.infopedia.pt/$materialismo).

_____. **Relações Sociais**. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$relacoes-sociais](https://www.infopedia.pt/$relacoes-sociais).

_____. **Pensamento**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pensamento>.

SITE JORNAL GGN. **Concepção do fim da história**. Disponível em <https://jornalggn.com.br/noticia/nota-sobre-a-concepcao-do-fim-da-historia-um-embate-entre-marx-e-hegel-mediado-por-mezaros-em-para-alem-do-cap/>.

SITE SIGNIFICADOS. **Ontologia**. Disponível em <https://www.significados.com.br/ontologia/>.

SITE SISEJUFÉ. **1848 - Marx e a luta de classes na França**. Disponível em <https://sisejufe.org.br/noticias/1848-marx-e-a-luta-de-classes-na-franca/>.

SITE TIRO DE LETRA. **Filosofia**. Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/ensaios/Dici-Filosofia.htm>.

SITE WIKIPEDIA. **Adam Smith**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Adam_Smith.

_____. **A ideologia alemã**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Ideologia_Alem%C3%A3.

_____. **Alfred Darimon**. Disponível em https://fr.wikipedia.org/wiki/Alfred_Darimon.

_____.	Anais Franco-Alemães. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Deutsch-Franz%C3%B6sische_Jahrb%C3%Bcher .	em
_____.	Apologética. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Apolog%C3%A9tica .	
_____.	Aristóteles. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Arist%C3%B3teles .	
_____.	A sagrada família. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Sagrada_Fam%C3%ADlia_(livro) .	em
_____.	Associação Internacional dos Trabalhadores. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Associa%C3%A7%C3%A3o_Internacional_dos_Trabalhadores .	em
_____.	Axioma. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Axioma .	
_____.	Baruch Espinoza. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Baruch_Espinoza .	
_____.	Bruno Bauer. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Bauer .	
_____.	Burguesia. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Burguesia .	
_____.	Capital. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Capital_(economia) .	
_____.	Capitalismo. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismo .	
_____.	Capitalismo Industrial. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Capitalismoindustrial .	em
_____.	Classe social. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Classesocial .	
_____.	Cogito ergo sum. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Cogito_ergo_sum .	
_____.	Comuna de Paris. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comuna_de_Paris .	
_____.	Comunismo. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunismo .	
_____.	Contribuição à crítica da economia política. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Contribui%C3%A7%C3%A3o_para_a_Cr%C3%ADtica_da_EconomiaPol%C3%ADtica .	em
_____.	Coruja de Atena. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Coruja_de_Atena .	
_____.	Crise de 1857. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_de_1857 .	
_____.	Crítica ao Programa de Gotha. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADtica_ao_Programa_de_Gotha .	em
_____.	David Ricardo. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo .	
_____.	Democracia direta. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia_direta .	em
_____.	Demócrito. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Dem%C3%B3crito .	
_____.	Dialética. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica .	
_____.	Die Neue Zeita. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Die_Neue_Zeita .	
_____.	Dinheiro. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Dinheiro .	
_____.	Direita política. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Direita_(po%C3%ADtica) .	
_____.	Ditadura. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura .	
_____.	Ditadura do proletariado. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ditadura_do_proletariado .	em
_____.	Divisão social do trabalho. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Divis%C3%A3o_social_do_trabalho .	em
_____.	Do socialismo utópico ao socialismo científico. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Do_Socialismo_Ut%C3%B3pico_ao_Socialismo_Cient%C3%ADfico .	em
_____.	Economia Clássica. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_c%C3%A1ssica .	em
_____.	Economia marxiana. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_marxiana .	
_____.	Economia Neoclássica. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_neoc%C3%A1ssica .	em
_____.	Economia Política. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_po%C3%ADtica .	em
_____.	Economicismo. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Economicismo .	

-
- _____. **Enfiteuse**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Enfiteuse>.
- _____. **Era dos Descobrimentos ou Era das Grandes Navegações**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_dos_Descobrimentos. em
- _____. **Epicuro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Epicuro>.
- _____. **Esquerda política**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_\(pol%C3%ADtica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquerda_(pol%C3%ADtica)).
- _____. **Eugen von Bawerk**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Eugen_von_B%C3%B6hm-Bawerk#Trabalhos_publicados.
- _____. **Ferdinand Lassalle**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle. em
- _____. **Fetichismo da mercadoria**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fetichismo_da_mercadoria. em
- _____. **Feudalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Feudalismo>.
- _____. **Fim da história**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Fim_da_hist%C3%B3ria. em
- _____. **Fiscalismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fiscalismo>.
- _____. **Força de trabalho**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7a_de_trabalho.
- _____. **Forças produtivas**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_produtivas.
- _____. **Friedrich Engels**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Friedrich_Engels.
- _____. **Fuso têxtil**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_\(t%C3%Aaxtil\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuso_(t%C3%Aaxtil)).
- _____. **Gazeta Renana**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rheinische_Zeitung.
- _____. **Georg W. F. Hegel**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Georg_Wilhelm_Friedrich_Hegel. em
- _____. **Hegelianismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hegelianismo>.
- _____. **Helene Demuth**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Helene_Demuth.
- _____. **Henryk Grossman**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Henryk_Grossman.
- _____. **História da Moeda**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda#Hist%C3%B3ria>.
- _____. **História do comunismo**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_comunismo. em
- _____. **Humanismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Humanismo>.
- _____. **Idealismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo>. em
- _____. **Idealismo alemão**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Idealismo_alem%C3%A3o.
- _____. **Iluminismo**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Iluminismo>.
- _____. **Império Austro-Húngaro**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81ustria-Hungria>.
- _____. **Influências em Karl Marx**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Influ%C3%Aancias_em_Karl_Marx. em
- _____. **Infraestrutura e superestrutura**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Infraestrutura_e_superestrutura. em
- _____. **Instituto Marx-Engels-Lenin (IMEL)**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/InstitutoMarx-Engels-Lenin>. em
- _____. **Jean-Jacques Rousseau**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau.
- _____. **Jenny von Westphalen**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jenny_von_Westphalen.
- _____. **Jovens hegelianos**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jovens_hegelianos.
- _____. **Karl Heinrich Marx**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Marx.
- _____. **Karl Kautsky**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Karl_Kautsky.
- _____. **Lei do valor**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_do_valor.
- _____. **Libra**. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_\(massa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Libra_(massa)).
- _____. **Liga dos comunistas**. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Liga_dos_Comunistas.

- _____. **Livre associação de produtores.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_\(comunismo_e_anarquismo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Livreassocia%C3%A7%C3%A3o_(comunismo_e_anarquismo)).
- _____. **Ludwig Feuerbach.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ludwig_Feuerbach.
- _____. **Lukács.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Gy%C3%B6rgy_Luk%C3%A1cs.
- _____. **Luta de classes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Luta_de_classes.
- _____. **Mais-trabalho.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-trabalho>.
- _____. **Mais-valia (mais-valor).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mais-valia>.
- _____. **Manifesto do Partido Comunista.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Comunista. em
- _____. **Manuscritos econômico-filosóficos.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Manuscritos_Econ%C3%B4micos_e_Filos%C3%B3ficos_de_1844. em
- _____. **Marxismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Marxismo>.
- _____. **Matéria.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mat%C3%A9ria_(filosofia)).
- _____. **Materialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo>.
- _____. **Materialismo dialético.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_dial%C3%A9tico. em
- _____. **Materialismo histórico.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Materialismo_hist%C3%B3rico. em
- _____. **Meios de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Meios_de_produ%C3%A7%C3%A3o.
- _____. **Mercado Livre.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercado_livre.
- _____. **Mercadoria no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercadoria#No_marxismo. em
- _____. **Mercantilismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mercantilismo>.
- _____. **Metafísica.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metaf%C3%ADsica>.
- _____. **Metodologia da Economia.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Metodologia_da_economia. em
- _____. **Modo de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Modo_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Modo de produção socialista.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mododeprodu%C3%A7%C3%A3osocialista>. em
- _____. **Moeda fiduciária.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Moeda_fiduci%C3%A1ria.
- _____. **Monarquia constitucional.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Monarquia_constitucional. em
- _____. **Mutualismo.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_\(economia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mutualismo_(economia)).
- _____. **Nova Gazeta Renana.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Neue_Rheinische_Zeitung.
- _____. **O capital.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capital.
- _____. **O capital – Lei.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Capitalei.
- _____. **Opio do povo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93pio_do_povo.
- _____. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/O_18_de_Brum%C3%A1rio_de_Lu%C3%ADs_Bonaparte. em
- _____. **Padrão ouro.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Padr%C3%A3o-ouro>.
- _____. **Pierre-Joseph Proudhon.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre-Joseph_Proudhon.
- _____. **Práxis.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A1xis>.
- _____. **Proletariado.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proletariado>.
- _____. **Reino da Hungria.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Hungria.
- _____. **Reino da Prússia.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_da_Pr%C3%ADssia.
- _____. **Reino de Itália.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_\(1861%E2%80%931946\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Reino_de_It%C3%A1lia_(1861%E2%80%931946)). em

- _____. **Relações de produção.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_de_produ%C3%A7%C3%A3o. em
- _____. **Rene Descartes.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes.
- _____. **Republicanism.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Republicanism>.
- _____. **Revolução de 1848 nos estados alemães.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848_nos_Estados_alem%C3%A3es.
- _____. **Revolução francesa.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Francesa.
- _____. **Revolução Gloriosa.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Gloriosa.
- _____. **Revolução Industrial.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Industrial_Revolution.
- _____. **Revolução russa de 1917.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Russa_de_1917. em
- _____. **Revoluções de 1848.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%B5es_de_1848.
- _____. **Roman Rosdolsky.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Roman_Rosdolsky.
- _____. **Rudolf Schlesinger.** Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Schlesinger.
- _____. **Segunda Revolução Industrial.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Segunda_Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial.
- _____. **Ser.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser>.
- _____. **Sobre a questão judaica.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre_a_Quest%C3%A3o_Judaica. em
- _____. **Socialismo.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo>.
- _____. **Socialismo democrático.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismocient%C3%Adico>. em
- _____. **Socialismo utópico.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismout%C3%B3pico>.
- _____. **Sociedade comunista.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_comunista.
- _____. **Substância.** Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Subst%C3%A2ncia_(filosofia)).
- _____. **Táler.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/T%C3%A1ler>.
- _____. **Teoria da revolução permanente.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_revolu%C3%A7%C3%A3o_permanente.
- _____. **Teoria do desenvolvimento desigual e combinado.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Desenvolvimento_desigual_e_combinado. em
- _____. **Teoria do socialismo em um só país.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Socialismo_em_um_s%C3%B3_pa%C3%ADs#:~:text=O%20%22socialismo%20em%20u+m%20o%C3%B3pol%C3%Adica%20estatal%20por%20Josef%20Stalin. e m
- _____. **Teoria do valor-trabalho.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_do_valor-trabalho.
- _____. **Teses sobre Feuerbach.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Teses_sobre_Feuerbach.
- _____. **Trabalho assalariado e capital.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Trabalho_Assalariado_e_Capital. em
- _____. **Unificação da Alemanha.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Unifica%C3%A7%C3%A3o_da_Alemanha. em
- _____. **Valor de troca no marxismo.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_troca#:~:text=Para%20o%20marxismo%2C%20valor%20de,desse%20produtos%20tenha%20sido%20o. em
- _____. **Valor de uso.** Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Valor_de_uso.

SOUZA, Osmar Martins de e DOMINGUES, Analéia. **Emancipação política e humana em Marx: Alguns apontamentos.** Revista Eletrônica Arma da Crítica. São Paulo-SP: N. 04. 2012. Disponível em http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo4_20131.pdf.

STRAUCH, Ottolmy. **Marshall: Princípios de Economia.** São Paulo-SP: Abril Cultural, Os Economistas, 1982.

TIBLÉ, Jean. **Marx contra o Estado**. Revista Brasileira de Ciência Política. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522014000100003&script=sciarttext&tlng=pt>.

VAISMAN, Ester. **Marx e a Filosofia: elementos para a discussão ainda necessária**. Belo Horizonte-MG: Revista Nova Economia (Departamento de Ciências Econômicas da UFMG), vol.16, nº 2, 2006. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000200005.

VIEIRA, Pedro. **Os duvidosos fundamentos da economia política: o caso da mercadoria força de trabalho**. Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro2004/artigos/A04A008.pdf>.

VIEIRA, Zaira Rodrigues. **Althusser e o significado da dialética em Marx**. Disponível em https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiRm4ie94TyAhVzFrkGHR_PDI8QFjABegQIDxAD&url=https%3A%2F%2Frevistas.marilia.unesp.br%2Findex.php%2Fnovosrumos%2Farticle%2Fdownload%2F8231%2F5290%2F27567&usg=AOvVaw.

XIMENES, Olavo Antunes de Aguiar. **Aproximação à categoria de modo de produção nos Grundrisse (1857-1858) de Karl Marx**. Dissertação para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, 2017. Disponível em <https://1library.org/article/capital-constante-capital-vari%C3%A1vel-modo-produ%C3%A7%C3%A3o-capitalista-capital.qvpm1gdq>.